

Clássicos da Literatura Brasileira

O Badejo

Artur Azevedo

Ilustrações:
Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

O Badejo

Artur Azevedo

O Badejo

Artur Azevedo

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editor

Lécio Cordeiro

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Wilton Carvalho

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos Reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3b Queiroz, Malthus de, 1976-
O badejo / Artur Azevedo ; adaptação Malthus de
Queiroz ; ilustrações Eduardo Schloesser. – Recife :
Prazer de Ler, 2013.
80p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1. TEATRO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I.
Azevedo, Artur, 1855-1908. II. Schloesser, Eduardo, 1962-
III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

PeR – BPE 13-049

CDU 869.0(81)-93

CDD B869.2

ISBN: 978-85-8168-221-1

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

O Badejo

O badejo

Comédia em três atos, em verso, representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro São Pedro de Alcântara, no dia 15 de outubro de 1898, por iniciativa do Centro Artístico, pelo corpo cênico do Elite Club.

*Ao Doutor João do Rego Barros
Amigo da arte e dos artistas
O.D.C.
Artur Azevedo*

PERSONAGENS

João Ramos
Lucas
Benjamin Ferraz
César Santos
Um cozinheiro
Um copeiro
Ambrosina
Dona Angélica

A cena se passa no Rio de Janeiro. Segunda metade do século XIX.

Ato primeiro

Sala de visitas, bem mobiliada, na casa de João Ramos. Três portas ao fundo, dando para o jardim. Uma porta à direita comunicando com a sala de jantar e outra à esquerda, dando para os dormitórios. À esquerda, uma mesa com álbuns, porta-cartões, etc. À direita, um sofá. Consolo¹ ao fundo. Piano. Cadeiras.

¹ Mesa estreita, geralmente ornamental, que fica encostada a uma parede.



SCHLOSSER

Cena I

João Ramos (Só.)

O almoço com certeza vai me custar
Uns duzentos mil réis², fora os vinhos;
Mas, se caso a Ambrosina, ainda é barato,
Porque muito me custa a senhorita.
Das minhas rendas a metade se vai
Em vestidos, chapéus, leques e luvas,
Espetáculos, bailes e concertos;
Ela, casada, cessam tais despesas;
É preciso, porém, que o noivo seja
Um rapaz sério e não nenhum pilantra
Que deseje viver à minha custa:
Pior seria a emenda que o soneto³.
Mas não são as despesas que me matam;
Não sou **unha de fome**⁴, Deus louvado;
Mata-me a **ideia** de bater a bota⁵,
E deixar a pequena sem marido,
Exposta sabe Deus a que perigos!
Dirão que ofereço minha filha
Aos pretendentes; ora adeus! Que o digam!
A Ambrosina já fez vinte e dois anos:
É tempo de arranjar-lhe casamento.

Cena II

João Ramos, Dona Angélica, o cozinheiro

ANGÉLICA — Ora, aqui tens o nosso cozinheiro.

Desejavas ouvi-lo: aqui te trago.

Entra, Fabrício.

(O cozinheiro entra.)

Quer saber teu patrão

O que arranjaste para o almoço. Fala.

O COZINHEIRO — Não pode ser melhor o meu cardápio.

RAMOS — Cardápio? Não conheço essa palavra!

² Antiga moeda brasileira.

³ A solução seria pior que o problema.

⁴ Avarento, sovina, mesquinho, pão-duro.

⁵ Morrer.

O Badejo

O COZINHEIRO — Foi arranjada pelo Castro Lopes.
Eu não digo *menu*, que é francesismo.
RAMOS — Temos um cozinheiro literato!
O COZINHEIRO — Literato não sou, mas sou purista;
Emburro com palavras estrangeiras.
Hoje, que tudo se nacionaliza,
Nacionalize-se a cozinha!
RAMOS — Bravo!
O COZINHEIRO — Eu, diante do fogão, diante do forno,
Sou até jacobino⁶!
RAMOS — Jacobino?
Lá como cozinheiro pode sê-lo,
Mas apenas como cozinheiro,
Pois, mesmo que eu viesse com dez anos
Para o Brasil, sou português, entende?
Dispensio jacobinos em minha casa!
O COZINHEIRO — Sou jacobino apenas cozinhando.
RAMOS — Pois cozinhando não devia sê-lo:
Você é um artista!
O COZINHEIRO — Eu, um artista?
RAMOS — Sim, um artista da arte culinária,
E a arte não tem pátria! Porém, vamos...
Diga lá o que temos para o almoço.
O COZINHEIRO — Em primeiro lugar os aperitivos.
*Hors-d'oeuvres*⁷ não direi nem que me rachem!
Temos uma salada de lagostas.
RAMOS — Muito boa lembrança. Que mais temos?
O COZINHEIRO — Sardinhas, azeitonas, rabanetes,
Manteiga fresca...
RAMOS — E além dos aperitivos?
O COZINHEIRO — Um enorme badejo⁸.
ANGÉLICA — Que badejo!
Tão grande nunca vi!
RAMOS — E está bem fresco?
ANGÉLICA — Chegou à casa vivo.
O COZINHEIRO — Soltou, coitado,
Nas minhas mãos, o último alento!
De camarões uma fritada temos,
Um primor culinário! Três galinhas

⁶ Nacionalista

⁷ Expressão francesa para prato de entrada, o aperitivo.

⁸ Espécie de peixe.

De cabidela. Espargos⁹ em manteiga.
E, para terminar, um bom churrasco.
Sorvetes de caju, frutas à beça,
Queijo do reino, requeijão de Minas,
Baba de moça e doce de laranja.
Se não satisfizer este cardápio,
Que uma espada me arranque a vida.
Com exceção dos espargos e do queijo,
O meu almoço é todo brasileiro!
RAMOS — Mas os vinhos são todos portugueses:
Bucelas¹⁰ para acompanhar o peixe,
Depois Colares da viúva Gomes,
Vinho do Porto para a sobremesa
E duas garrafinhas de Champanha
Da marca Assis Brasil.
O COZINHEIRO — Estou contente,
Pois vejo que o Brasil também figura
Muito embora num rótulo.
ANGÉLICA — E os licores?
RAMOS — Deve ter vindo do armazém do Castro
Uma garrafa de Beneditinos.
(Ao cozinheiro.)
Bom. Pode retirar-se, e, se o almoço
Estiver ao meu gosto, conte comigo.
O COZINHEIRO — Nenhuma recompensa mais desejo
Que salvar os meus créditos de artista...
RAMOS — Da arte culinária. Vá “simbóra”.
(O cozinheiro vai se retirando.)
É verdade. Ouça aqui. Diga ao copeiro
Que se apresente, pra servir a mesa,
Encasacado e de gravata branca.
(O cozinheiro sai.)

Cena III

João Ramos, Dona Angélica
ANGÉLICA — Espero agora que afinal me contes
A história deste almoço.
RAMOS — É muito simples.

⁹ Espargos

¹⁰ Tipo de vinho português.

O Badejo

Lembras que, no baile do Cassino¹¹,
O César Santos, moço encaminhado,
Com porcentagem numa casa forte¹²,
Namorou nossa filha à vontade?

ANGÉLICA — E depois desse baile, muito embora
Nós moremos tão longe da cidade,
Muitas vezes nos passa pela porta,
E até parado fica ali na esquina.

RAMOS — Muito bem. Dize mais: não te recordas
Que, quando fomos ao Teatro Lírico¹³,
Ao benefício da Maragliano¹⁴,

O Benjamin Ferraz, que é moço rico,
Estava na **plateia** e não tirava

Do nosso camarote os olhos doces?

E, acabado o espetáculo, correndo,
Postou-se à porta pela qual saímos
E suspirou quando passou por ele
Ambrosina?

ANGÉLICA — Um suspiro escandaloso,
De olhos voltados e de mão no peito!

RAMOS — E ele não passa pela nossa porta?

ANGÉLICA — Todas as tardes passa, embora chova.
O outro passa de bonde, e este a cavalo.

RAMOS — Pois eu, sabendo dessas passeatas,
Embora tu não me dissesses nada,

Como os encontrei, ambos, anteontem,

Por mero acaso, na confeitaria,

Fi-los sentar-se à mesa em que eu me achava,

Paguei sua bebida, apresentei-os

Um ao outro, mostrei-me muito amável,

E lembrei-me afinal de convidá-los

Para almoçar conosco hoje, domingo.

ANGÉLICA — Porém com que intenções os convidaste?

RAMOS — Minha amiga, bem sabes que os bons noivos
Difícilmente podem ser conquistados

Vendo-os passar no bonde ou no cavalo;

É preciso atraí-los; casamentos,

¹¹ *Cassino Fluminense*: clube recreativo fundado em 1945 onde eram realizados bailes.

¹² Com dinheiro no banco.

¹³ Teatro do Rio de Janeiro (1857-1933).

¹⁴ Clotilde Maragliano: famosa cantora lírica do final do século XIX.



SCHLOSSER

O Badejo

É de portas adentro que se arranjam.
Se teu pai não tivesse me convidado
Para jantar na casa dele um dia,
Por sinal que era o dia dos teus anos¹⁵,
Talvez não nos casássemos tão cedo;
Mas me convidou e, por cautela, à mesa,
Ao teu lado me fez ficar sentado.
Quando veio o peru, éramos noivos;
Tratavas-me por *tu* na sobremesa;
Um mês depois estávamos casados,
E dez meses depois éramos três!
ANGÉLICA — Mas meu pai convidou a ti somente.
E tu a dois convidas...
RAMOS — O que excede
Não prejudica, diz o velho ditado.
Teu pai não era tolo, minha amiga,
Apesar de ter sido sapateiro,
E, se não havia outro jovem à mesa,
É que não tinhas outro namorado...
ANGÉLICA (*Rindo.*)
— Sabes tu lá se o tinha ou se o não tinha!
RAMOS — Com este almoço mato dois coelhos
De uma só cajadada!
ANGÉLICA — És econômico!
Para dois namorados, dois almoços!
RAMOS — Se fossem vinte, vinte almoços? Boas!
Colocada a Ambrosina entre os dois jovens,
Poderá escolher muito à vontade.
ANGÉLICA — Mas é preciso avisá-la disso.
RAMOS — Justamente ela aí vem. Vamos
falar-lhe.

Cena IV

Ramos, Dona Angélica, Ambrosina
AMBROSINA — A bênção, papai? Bom-dia!
RAMOS — Deus te abençoe, minha filha.
Mas como vens bem vestida!
Há muito que não te via

¹⁵ Aniversário.

Tão enfeitada e bonita!
AMBROSINA — Oh! Admira-se? Entretanto,
Ontem papai pediu tanto
Que me fizesse bonita!
Vê como estou imponente?
Que tal acha o meu vestido?

RAMOS — Muito espantado.

AMBROSINA — Duvido
Que papai diga o que sente.

RAMOS — De modas eu não entendo;
Sou ferragista¹⁶ e asseguro
Que tenho juízo seguro
Sobre o que compro e o que vendo.

Quando alguém conhecer queira

A qualidade de um prego,
As minhas luzes não nego,
Posso falar de cadeira;

Mas quanto a farandolagens¹⁷,

Fitinhas, laços, teteias¹⁸,
Sou muito curto de ideias!

Cá comigo é só ferragens!

Mas, minha filha, acredita,
Quando o contrário pensares:

Com qualquer trapo que colocares,
Acho-te sempre bonita.

(Dá-lhe um beijo.)

Bom. Temos que conversar
Sobre outro assunto, faceira.

Senta-te nesta cadeira;

Entre nós dois vais ficar.

(Coloca três cadeiras no palco; a do centro para Ambrosina, a da direita para Angélica e da esquerda para si. Sentam-se todos três. Pausa.)

Fala, Angélica!

ANGÉLICA — Ora, essa!

Fala tu!

RAMOS — Tu!

ANGÉLICA — Tu!

RAMOS — Mulher,

¹⁶ Comerciante de ferro.

¹⁷ Coisa sem importância, ninharia.

¹⁸ Enfeites

O Badejo

Olha que eu não sei sequer
Por onde é que é que se começa!
AMBROSINA — É coisa grave?
RAMOS — Oh! Bem grave!
ANGÉLICA — Anda! É o começo que custa!
AMBROSINA — Tanta hesitação me assusta!
RAMOS — Não é nada que te agrave:
Trata-se de casamento.
AMBROSINA — De casamento?
RAMOS — É verdade!
(Embaraçado e muito comovido.)
— Menina, chegaste à idade...
Chegaste ao feliz momento...
A felicidade tua
É o nosso constante fito¹⁹,
E nós...
(Passando os dedos nos olhos.)
Lágrimas?... Bonito!...
(A Angélica.) Agora tu continua.
ANGÉLICA — Valha-te, Deus! Que maricas!
Por qualquer coisa tu choras!
Vamos! Basta de demoras!
RAMOS — Eu... tu... eu...
ANGÉLICA — Vê em que ficas!
(Imitando-o.)
Eu... tu... eu...
RAMOS — Então que queres?
Nem eu ousa, nem tu ousas!
Fala tu: para estas coisas
Têm mais talento as mulheres!
ANGÉLICA — Minha filhinha, teu pai
Convidou para um almoço
Aquele moço...
AMBROSINA — Que moço?
RAMOS — Dize a ela o nome.
ANGÉLICA — Lá vai:
O César Santos?... Aquele
Que toda a tarde passeia
No bonde das cinco e meia?...
AMBROSINA — Sei quem é.

¹⁹ Objetivo.



SCHLOESSER

O Badejo

RAMOS — Tu gostas dele?
AMBROSINA — Eu não gosto nem desgosto...
ANGÉLICA — E foi também convidado
Aquele outro namorado?...
Quem é já sabes, aposto!
RAMOS — Dize o nome!
ANGÉLICA — Espera lá!
Ou falas tu ou eu falo!
RAMOS — Bom.
ANGÉLICA — Aquele do cavalo?
RAMOS (*Fingindo que está montado a cavalo.*)
— Hein? Patati, patatá!
AMBROSINA — O Benjamin?
ANGÉLICA — Justamente:
O Benjamin.
RAMOS — Desse gostas,
Ou não gostas nem desgostas?
AMBROSINA — Sim... não... É indiferente!...
Ambos hoje à casa vêm,
Pra que eu escolha?...
RAMOS — Decerto.
Examina-os bem de perto;
Vê qual dos dois te convém.
AMBROSINA — Oh!, nenhum deles me traz
À vida novos encantos...
RAMOS — Sim?
AMBROSINA — Nem o tal César Santos,
Nem o Benjamin Ferraz.
ANGÉLICA — Mas tu gostas de outro?
AMBROSINA — Não.
Não acho quem me cative;
Até hoje nunca tive
Cuidados no coração.
Quando o César Santos passa,
E eu estou acaso à janela,
Não fujo... não saio dela...
Ele sorri... Acho graça...
Faz mal que eu também sorria?...
Namoro?... talvez o seja;
Mas nisso amor ninguém veja²⁰...
Quando muito é simpatia.

²⁰ Ninguém veja amor nisso.

ANGÉLICA — Filha, lá disse o poeta:

“Simpatia é quase amor”...

RAMOS — Pois seja o poeta quem for,

Disse uma besteira completa!

Não foi Camões, com certeza!

ANGÉLICA — Foi Casimiro de Abreu²¹.

RAMOS — Uma tolice escreveu;

Digo-o com toda a franqueza!

AMBROSINA — Quando passa o Benjamin,

Montado no seu cavalo,

E, sem intenção de esperá-lo,

Vejo-o sorrir para mim,

Eu lhe sorrio também...

Mas... que exprime este sorriso?

Que com ele simpatizo...

E papai diz muito bem:

Não é este sentimento

Um quase amor. Que esperança!

Minh'alma livre descansa,

Descansa o meu pensamento!

Não me persegue o desejo

De os ver passar pela porta.

E quando os vejo, que importa?

Que importa quando não os vejo?

Se papai julga que devo

Desde já mudar de estado,

Antes que tenha falado

Meu coração, não me atrevo

A contrariá-lo, oh! não!...

Mas entre os dois pretendentes,

Ambos pessoas decentes,

Não faço a menor questão.

RAMOS (*Erguendo-se.*)

— Bravo!

(*Ambrosina e Angélica também se erguem.*)

AMBROSINA — Papai, se quiser,

Estude, examine, escolha;

Mas permita que eu me encolha...

RAMOS — Qualquer te serve?

AMBROSINA — Qualquer.

(*Lucas entra como um raio. Surpresa geral. Alegria.*)

²¹ Poeta romântico brasileiro que viveu entre 1839 e 1860.

Cena V

João Ramos, Dona Angélica, Ambrosina, Lucas.

LUCAS — Que Deus esteja nesta casa!

TODOS (*Contentes.*) — O Lucas!

LUCAS — O Lucas, sim, que, sem mandar aviso,

Abalou de São Paulo ontem cedinho,

Passou parte da noite num teatro,

Dormiu no Grande Hotel, onde espichado

Na cama, refletiu: “de manhã cedo

Tomo o meu banho, faço a minha barba

E vou ao palacete do velho Ramos

Causar uma surpresa àquela gente.

Como é domingo, encontro o velho em casa

E chego a tempo de papar seu almoço”.

RAMOS — Fizeste bem, rapaz, mas que diabo!

Devias começar por abraçar-nos...

(*Abraçando Lucas.*)

Assim! Aperta estes meus velhos ossos!

LUCAS — As saudades são tantas, que receio

Esmagá-lo!

RAMOS — Esmagar-me? Então tu julgas

Que assim se esmague um português valente?

ANGÉLICA (*Abrindo os braços.*)

— Eu também quero o meu abraço!

LUCAS — É justo.

ANGÉLICA — Mas vê lá: não me esmagues!

LUCAS — Oh! Descanse!

Muito bem sei como se abraçam damas!

(*Abraça-a.*)

ANGÉLICA — Agora, abraça a tua irmã de leite.

LUCAS — Ambrosina! Meus Deus! Nestes três anos

Que diferença fez!

RAMOS — Desenvolveu-se...

Ganhou corpo... cresceu...

LUCAS — Que diferença!

Deixo um fedelho e encontro uma senhora,

E mais linda que um anjo! Isto é possível...

ANGÉLICA — Bem sabes que ela tem a tua idade!

RAMOS — Abraça-a, vamos!

LUCAS — Não! Eu não me atrevo!
Na minha idade já se não abraçam
Moças da minha idade...
ANGÉLICA — Ora, que tolo!
LUCAS — Só num jogo de prendas, por sentença²²!
AMBROSINA — Sou tua irmã.
LUCAS — És minha irmã de leite.
Essa irmandade não me impediria
De casar-me contigo...
(*Comicamente cerimonioso.*) Enfim, senhora,
Como os pais de Vossa Excelência ordenam,
Venha esse abraço!
AMBROSINA (*Lançando-se nos braços dele.*)
— E esmaga-me, se queres!
— Como está mamãezinha?
LUCAS — Boa e fera²³;
Seu único mal são saudades tuas.
Mandou-te umas lembranças de São Paulo.
ANGÉLICA — É sempre a mesma tua mãe!
LUCAS — Coitada!
Não quis que eu viesse ao Rio de Janeiro,
Sem coisinhas trazer para Ambrosina;
E durante a viagem vim comprando
Tudo quanto se encontra no caminho:
Queijos de Itatiaia e Campo Belo,
E beijos de Belém. Essas lembranças
Lá estão no Grande Hotel.
RAMOS — Por que motivo
Não vieste te hospedar em nossa casa?
Pois não sabes que é teu tudo que é nosso?
LUCAS — Bem sei, mas receava incomodá-los.
TODOS — Oh!
LUCAS — Demais, moram longe da cidade,
E eu vim a negócio, não a passeio.
RAMOS — E a casa, como vai?

²² Jogo popular até meados do séc. XX, no qual os jogadores desatentos tinham que entregar suas *prendas* (pequenos objetos, como pedrinhas, folhas, ou pétalas, que eram utilizados para representar cada jogador) ao chefe do jogo. Tendo perdido as três prendas que lhe representavam, um jogador tinha que cumprir a sentença (penalidade) escolhida pelo chefe.

²³ Com saúde.



SCHLOESSER

LUCAS — De vento em popa!
Se a coisa prosseguir como tem ido,
Eu serei, num futuro não distante,
Quase tão rico como o velho Ramos!
(Dá uma pequena pancada no ventre de Ramos.)

RAMOS *(Rindo.)*

— O velho Ramos não é rico.

LUCAS — É rico;
Mas tem mania de dizer que é pobre,
Porque tem medo de que lhe peçam verba.

RAMOS — Que grande malcriado me saíste!

LUCAS — Mas que me importa a mim o velho Ramos?
Tanto faz que seja rico ou pobre!

(Tomando ambas as mãos de Ambrosina.)

Quem me interessa és tu, és tu somente,

Minha querida irmã, que tanto prezo!

(Com certa hesitação na voz.)

Então? Quando se faz este casório?

Já deves ter um noivo, ou, pelo menos,
Um namorado, ou dois... Com esses olhos,

E essa boca de fada, e esta elegância,

E este pai, apesar de não ser rico,

Deves ter pretendentes aos cardumes!

AMBROSINA — Tenho dois namorados.

LUCAS *(Com um sorriso forçado.)* — Dois apenas?

AMBROSINA — Pode ser que outros tenha, mas desconheço.

RAMOS — Não podias chegar em melhor hora:

Hoje vêm ambos almoçar conosco.

AMBROSINA — Convidou-os papai, para que eu possa,

Depois de examiná-los bem de perto,

Escolher o que deva ser meu noivo;

Mas eu já disse que nem de um nem de outro

Faço questão, e escolha qualquer deles.

LUCAS — Que singular filosofia a tua!

Mas quem são esses dois rivais famosos?

RAMOS — O Benjamin Ferraz e o César Santos.

LUCAS — Não conheço.

RAMOS — Vais vê-los daqui a pouco.

São dois tipos bem diferentes um do outro.

O César Santos, contador hábil,

Interessado está numa das casas²⁴

²⁴ Estabelecimento ou firma comercial.

O Badejo

Mais importantes desta praça²⁵; é moço
Ajuizado, refletido e sério;
Tem feito economias, e de parte
Já pôs alguns vinténs²⁶; possui dois prédios.
O Benjamin Ferraz é muito rico:
Herdou dos pais e ainda vai herdar dos tios,
Que são fazendeiros. Monta a cavalo,
Veste-se muito bem, e desconfio,
Pela sua maneira de se exprimir,
Que é literato²⁷ nas horas vagas.
LUCAS — E nas que não são vagas esse moço
Em que se ocupa?

RAMOS — Ora, essa é boa! Ocupa-se
Em ter muito dinheiro. Eu não conheço
Melhor ocupação.

LUCAS — Prefiro o outro.

(Mudando de tom.)

E por amor do contador hábil
E do galã que tão bem se exprime,
Temos então almoço avantajado?

RAMOS — Lagostas... um badejo... uma fritada...
Galinhas... um churrasco... espargos, frutas,
Sorvetes, queijos, doces e mais doces,
E Bucelas, Colares e Champanha!

LUCAS — Não há dúvida: tirei a sorte grande!
Eu vim pensando em uns modestos bifés,
E caio em plenas bodas de Camacho²⁸!

Não esperava tanto!

RAMOS — Vai, Angélica,
Dar uma olhada na cozinha,
E manda pôr mais um talher à mesa,
E vê lá se o copeiro pôs casaca.

ANGÉLICA — E tu, manda buscar na adega os vinhos.

(Sai.)

RAMOS — Tens razão. Já estou indo. Aqui tenho a chave.
(A Lucas.) Quando há comes e bebes nesta casa,

²⁵ Comunidade comercial.

²⁶ Investiu algum dinheiro.

²⁷ Escritor.

²⁸ Referência a um capítulo de *Dom Quixote*, no qual há o casamento de Camacho, homem rico, com a bela Quitéria. Na festa, é servido um banquete.

Ela trata dos comes e eu dos bebes.
Bom. Até logo. Ó minha filha, fica
Fazendo companhia ao nosso Lucas. (*Sai.*)

Cena VI

Ambrosina, Lucas

LUCAS — Como assim; então, vais casar?

AMBROSINA — Mas vê como estou fria...

Oh!, pelo meu gosto mais tempo esperaria;

Porém papai infelizmente não pensa assim,

E, pelo jeito, quer ficar livre de mim.

LUCAS — Não creias que teu pai livrar-se de ti queira:

Tem medo de morrer deixando-te solteira,

É o que é. A intenção é boa; apenas, eu

Me parece que o pior processo ele escolheu.

O tal César e o tal Benjamin vão pensar

Que o João Ramos quer a filha, à força, casar;

Mais prudente seria esperar que viesse

O noivo e não chamá-lo à casa, me parece.

AMBROSINA — Tens razão.

LUCAS — Não se oferece a ninguém

Noiva que, como tu, tanto atrativo tem.

AMBROSINA — Isso é bondade tua.

LUCAS — E se ao velho não falo

Deste modo, é porque não quero apoquentá-lo²⁹.

Tu bem sabes de quanto eu lhe sou devedor:

Ele foi para mim um grande protetor,

Tão amigo, tão bom, tão desinteressado,

Que um altar tem aqui dentro e é para mim sagrado.

Nas tristes condições em que eu ao mundo vim,

Se não fosse teu pai, que seria de mim?

Quando nasci, o meu estava morto já há meses;

Minha mãe a miséria, a fome algumas vezes

Sofreu, mas resistiu. Tu nasceras também;

Adoeceu tua mãe; era preciso alguém

Que fizesse as vezes³⁰ dela, e a minha então, coitada,

Que era pobre, tão pobre, e pobre envergonhada,

²⁹ Aborrecê-lo.

³⁰ *Fazer as vezes de*: desempenhar o papel de.



SCHLOSSER

Sozinha neste mundo, ao deus-dará, sem pão,
Precisava de alguém que lhe estendesse a mão...
E foi, como faria uma africana escrava,
Contigo dividir o leite que eu mamava.
AMBROSINA — Pobre da mamãezinha!
LUCAS — Eu fui muito feliz,
E ela também: teu pai, ser meu pai quis.
Nem eu nem minha mãe saímos desta casa
Que nos cobriu a nós como de um anjo a asa.
Quando cresci, o velho à escola me enviou
E depois no comércio emprego me arranjou.
Para São Paulo fui. Sou quase independente.
E a quem o devo? A ele... a ele unicamente.
AMBROSINA — De nada valeria o muito que te fez,
Se tu não fosse bom.
LUCAS — Não seria, talvez,
Tão bom, se ele não fosse a bondade em pessoa.
Isso é o que me fez bom, e isso é o que te fez boa.
Mas falemos dos dois namorados. Teu pai
Quer que escolhas; pois bem: examiná-los vai
Minuciosamente, e um dos dois com certeza
Preferirás ao outro ao sairmos da mesa.
Está dito?
AMBROSINA — Pois sim.
LUCAS — Por meu lado, eu também
Verei dos dois qual seja o que mais te convém.

Cena VII

Ambrosina, Lucas, João Ramos, Dona Angélica
RAMOS — Pronto! Podem chegar os convidados!
No aparador³¹ alinham-se as garrafas,
E o diabo do copeiro, de casaca,
Parece até um cidadão de respeito!
ANGÉLICA — Que bonito badejo é o rei da festa!...
RAMOS — Custou-nos vinte e cinco bagarotes³²
No mercado; não pode ser, portanto,
Um peixinho de pouco mais ou menos.

³¹ Armário usado para guardar ou apoiar o aparelho de jantar (pratos, xícaras, etc.).

³² Antigo nome da cédula ou moeda de mil réis.

O Badejo

(Esfregando as mãos.)

Não tardam por aí os dois rapazes.

LUCAS — Eles que venham, porque estou com fome!

(Toque de campainha elétrica.)

RAMOS — Falai no mau...

(Indo ao fundo e falando para fora.)

Ó, senhor César, entre!

(Entra César Santos cerimoniosamente.)

Cena VIII

Ambrosina, Lucas, João Ramos, Dona Angélica, César Santos

CÉSAR — Minhas senhoras... Senhor Ramos... Creio

Que não os fiz esperar por muito tempo.

RAMOS — Pontualíssimo foi, cavalheiro.

(Apresentando.)

Minha mulher.

CÉSAR — Minha senhora, me alegro

Em conhecê-la.

ANGÉLICA — E eu igualmente me alegro.

Faça favor.

(Toma seu chapéu e sua bengala, que vai colocar sobre um móvel, ao fundo.)

RAMOS *(Mostrando Ambrosina.)*

— É minha filha. O amigo

Há muito que a conhece. Já com ela

Dançou num baile do Cassino.

CÉSAR — É exato.

Foi uma honra que não pude esquecer,

Pois me deixou recordações bem doces.

AMBROSINA *(Cumprimentando.)*

— Agradecida.

RAMOS — O meu amigo Lucas.

Quase meu filho... Um filho malcriado,

Que ao pai não tem o mínimo respeito,

E lhe dá sopapos na barriga!

Mas é um herói! — tem só vinte e dois anos

E é já negociante conceituado

Na praça de São Paulo!...



SCHLOSSER

O Badejo

CÉSAR — Cavalheiro,

Permita que aperte sua mão.

LUCAS — Não creia

No que está lhe dizendo o senhor Ramos.

Como lhe devo a posição que ocupo,

É muito exagerado a meu respeito,

Para dar mais valor ao seu trabalho.

CÉSAR — As coisas como vão lá por São Paulo?

LUCAS — Que coisas?

CÉSAR — Os negócios. Interessa-me

O comércio, e em nada mais reflito.

LUCAS — Os negócios vão bem.

CÉSAR — Não me parece;

A baixa do café tem sido o diabo,

E esperança não há de que tão cedo

Ele suba,

(*A Angélica.*) não acha Vossa Excelência?

ANGÉLICA — Senhor, eu não entendo dessas coisas;

Só sei que tudo está bem caro agora,

E que um badejo, que custava antes

Dez mil réis, quando muito, agora custa

Vinte e cinco mil réis!

CÉSAR — A carestia³³

Faz com que o povo sofra e sofra muito;

Mas o comércio sofre mais que o povo.

Na nossa praça a crise está medonha;

Muitas casas estão arrebentadas;

O câmbio esteve a cinco, é bem verdade,

E subiu depois disso a sete e meio,

Mas de novo tem ido para baixo,

E não há confiança nos efeitos

Do plano financeiro do governo.

Não acho que endireite a nossa praça,

Enquanto a taxa não subir a doze,

Pelo menos.

(*A Ambrosina.*) Não acha Vossa Excelência?

AMBROSINA — Eu nunca pude perceber o câmbio.

CÉSAR — Pois eu lhe explico: o câmbio representa...

RAMOS — E eu que não lhe ofereço uma cadeira?

Faz favor de sentar-se? Então? Sentemo-nos!

³³ Encarecimento do custo de vida.

Tanto se paga em pé como sentado!

(Sentam-se todos.)

Mas sobre outros assuntos conversemos,

E deixemos **tranquilos** os negócios.

Estes belos domingos foram feitos

Pra que a gente se esqueça da semana.

CÉSAR — Pois não há assunto que mais me agrade

Do que câmbio, café, preços correntes...

RAMOS — Ora! Isso é bom lá para baixo. Em casa

Gosto de ouvir falar de besteiras.

LUCAS *(Baixo a Ambrosina.)*

— Desconfio que o noivo não te serve.

RAMOS — Eu sou negociante de ferragens,

E, por meu gosto, não teria em casa

Nem trincos, nem martelos, nem argolas,

Nem pontas de Paris³⁴, nem dobradiças,

Nem nada que lembrasse o meu comércio.

Quando aos domingos eu me sento à mesa,

Causam-me desgosto os talheres, acredite,

Porque os tenho na loja; na cozinha

Não entro, só para não ver panelas!

Causam-me horror grelhas e caçarolas³⁵!

ANGÉLICA — E a história do canário?

RAMOS — Ah! É verdade!

Lembras-te ainda? Estávamos casados

Havia um mês, se tanto. O pai da Angélica

Um canário mandou-lhe de presente.

Ela gostava dele. Muito bem. Pedi-lhe

Um belo dia que o mandasse embora!

CÉSAR — O canário não era ferramenta!

RAMOS — Não, mas era preciso dar-lhe alpiste,

E o alpiste naquele tempo — sabe? —

Vendia-se nas lojas de ferragens.

(Novo toque de campanha elétrica.)

ANGÉLICA — Tocaram.

RAMOS *(Erguendo-se.)*

— Bom! É ele com certeza! É o Benjamin Ferraz!

(Vai ao fundo e fala para fora.) A casa é sua.

(Erguem-se todos. Entra Benjamin Ferraz.)

³⁴ Tipo de prego.

³⁵ Espécie de panela de metal.

Cena IX

Ambrosina, Lucas, João Ramos, Dona Angélica, César Santos, Benjamin Ferraz, depois um copeiro

BENJAMIN — Minhas senhoras... cavalheiros... peço
Mil perdões por chegar um pouco tarde.

Foi do meu alfaiate a culpa inteira.

Uma porção de tempo estive à espera

De uma sobrecasaca que não veio.

LUCAS (*À parte.*)

— Começa mal...

BENJAMIN — Esta já tem três meses,

E já não está na moda; os figurinos

De sobrecasacas se apresentam hoje

Fechadas mais em cima, e mais compridas,

Dando pelo joelho. Quando eu entro

Pela primeira vez em qualquer casa,

Com toda a correção quero ser visto,

Todas as regras sei do *savoir-vivre*³⁶.

(*A Angélica.*)

Depois deste papo indispensável,

Permita, Excelentíssima Senhora,

Que lhe ofereça a rosa mais bonita

Que esta manhã no meu jardim banhavam

As lágrimas do orvalho matutino.

A rainha das flores simboliza

A rainha do lar, a esposa honesta,

A carinhosa mãe!

RAMOS (*À parte.*)

— Parece um brinde.

ANGÉLICA — Muito obrigada pelo seu presente.

BENJAMIN — Não há de quê, minha gentil senhora.

(*Angélica põe a rosa ao peito. Benjamin volta-se para Ambrosina.*)

Para Vossa Excelência eu trouxe — e espero

Que seja recebido com bondade —

Este raminho de violetas brancas,

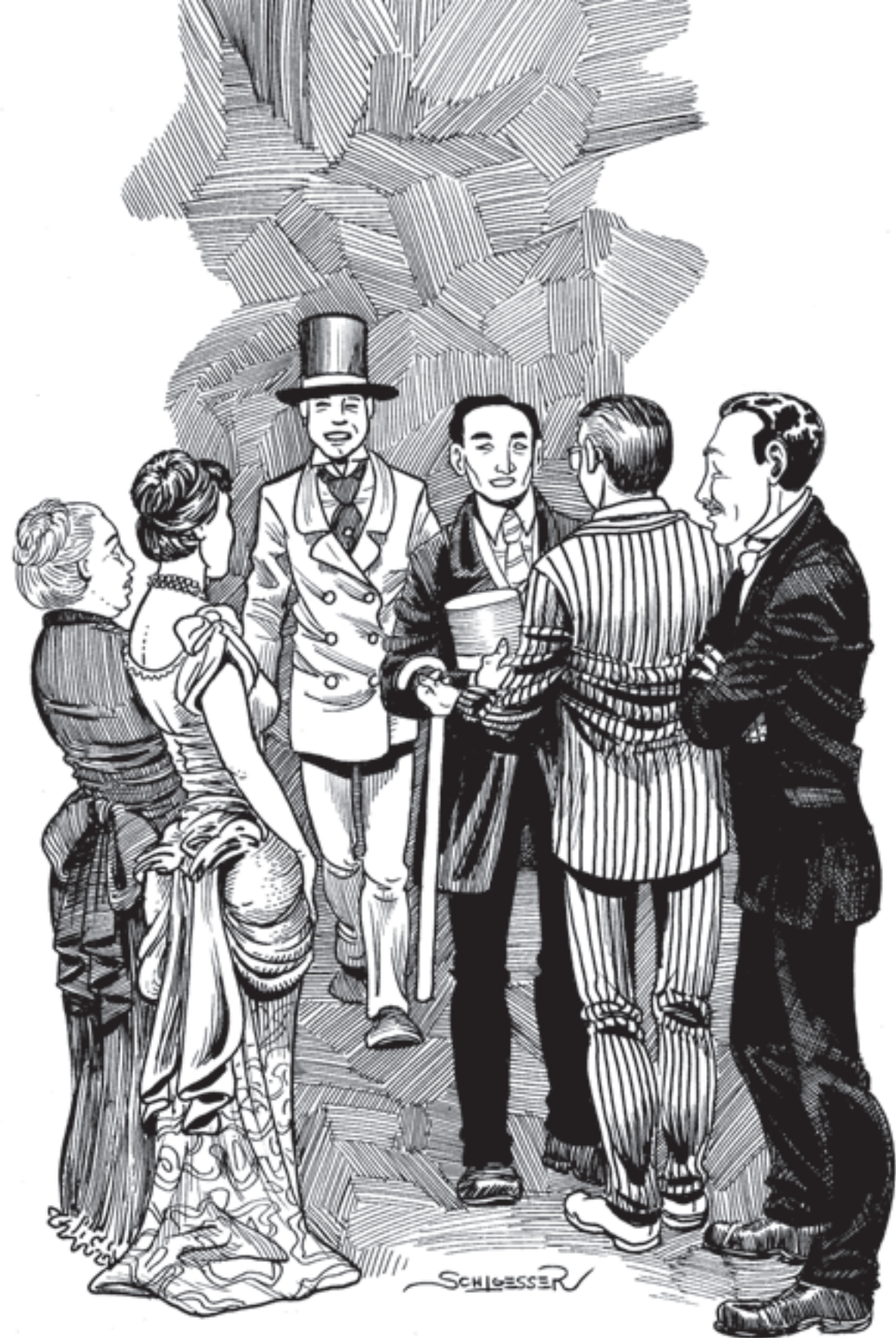
Também do meu jardim. Flores modestas,

Que seu perfume docemente escondem.

³⁶ Bons modos.

Simbolizam a cândida inocência
Da bela virgem recatada e pura.
AMBROSINA — Agradecida.
RAMOS — Tendo em vista os discursos,
Estou desobrigado de apresentar-lhe
Mulher e filha.
ANGÉLICA (*Tomando o chapéu e a bengala de Benjamin.*)
— Com licença.
BENJAMIN — Obrigado.
RAMOS (*Indicando César.*)
— Este já foi por mim apresentado.
BENJAMIN — Alegro-me de vê-lo.
RAMOS — O meu amigo Lucas.
É quase um filho.
LUCAS — Temos um gravador?
RAMOS — Não tem ao pai o mínimo respeito...
LUCAS — E lhe dou sopapos na barriga;
Falta-me o *savoir-vivre*...
BENJAMIN — Oh, não! Não creio!
LUCAS — Vim almoçar de jaquetão gasto!
BENJAMIN — Se é quase um filho, está no seu direito.
RAMOS — Mas é um herói! Tem só vinte e dois anos...
LUCAS — Vinte e dois anos e três meses justos.
RAMOS — E é já negociante acreditado
Na praça de São Paulo!
BENJAMIN — Então? Já houve
Com essa idade marechais na França!
(*Apertando a mão a Lucas.*)
Eu tenho muita honra em conhecê-lo.
LUCAS — A honra é toda minha, cavalheiro.
(*Angélica, que tinha saído, volta e diz baixinho a Ramos.*)
ANGÉLICA — O almoço está servido.
RAMOS (*Muito alto.*) — Meus senhores...
ANGÉLICA (*Tapando sua boca.*)
— Espera que o copeiro venha dizer.
RAMOS (*Baixo.*)
— É verdade, o copeiro de casaca...
(*Entra o Copeiro.*)
Aqui está! Faz um vistão³⁷! Gosto daquilo!
O COPEIRO — O almoço está na mesa. (*Sai.*)

³⁷ *Fazer um vistão*: chamar a atenção.



RAMOS — Meus amigos,
Vamos ao nosso almoço, prontamente,
Que o estômago já está nas horas.

(Benjamin e César oferecem ambos o braço a Ambrosina.)

BENJAMIN — O meu braço aqui tem, minha senhora.

CÉSAR — Minha senhora, “ofr’êço”-lhe³⁸ o meu braço.

AMBROSINA — E agora? Aceito o que chegou primeiro.

(Dá o braço a Benjamin. César dá o braço a Angélica. Saem todos.)

RAMOS *(Saindo, a Lucas.)*

— Cada qual no seu gênero, não achas?

LUCAS — Acho.

RAMOS — A Ambrosina escolhe... escolhe um deles!

(Sai.)

LUCAS *(Só.)* — Escolhe um deles? Pois sim!

Meu velho, pelo que vejo,

Perdes o tempo e o latim³⁹,

Pra não dizer o badejo.

(Cai o pano.)

³⁸ Note que a personagem tenta imitar o sotaque português, que é associado à nobreza.

³⁹ *Perder o latim*: Esforçar-se inutilmente.

Ato segundo

A mesma sala.

Cena I

AMBROSINA (*Entrando.*)
— Valha-me a Virgem Maria!
Que grande aborrecimento!
Vim descansar um momento!
De tanta monotonia
Horrorizada fugi!
Que só de negócios trate
O tal Senhor César Santos!
Chatos conheço uns quantos,
Porém daquele quilate
Confesso que nunca os vi!
E o Benjamin? Que fofice!
Que tipo insignificante!
Não abre a boca o pedante,
Que não diga uma tolice,
Ou que não fale de si,
Das visitas que recebe,
Ou do extrato que o perfuma,
Ou dos charutos que fuma,
Ou dos licores que bebe!
Quantas asneiras ouvi!

Cena II

Ambrosina, Lucas
LUCAS — Vamos! Então? Que me dizes
De um e de outro namorado?
AMBROSINA — Cada qual mais enjoado!
LUCAS — Pobres moços!... infelizes!...
Pois nenhum deles te agrada?
AMBROSINA — Não.
LUCAS — És muito rigorosa!
AMBROSINA — Seria bem desditosa⁴⁰

⁴⁰ Infeliz.

Com quaisquer deles casada.
LUCAS — Também vais logo aos extremos!
Pelas impressões primeiras
Incompletas e ligeiras,
Jamais levar nos deixemos...
Gente nova, estranha gente
Não há, que nos apareça,
E aos nossos olhos pareça
Aquilo que é realmente;
Pois nesta coisa medonha,
Que se chama sociedade,
Ninguém sai da intimidade
Sem que uma máscara ponha.
Não julguemos de forma ligeira;
Toda a gente se mascara:
Uns cobrem parte da cara
E os outros a cara inteira.
Quem se revela maluco
Tem muitas vezes juízo,
E nos parece ter siso⁴¹
Um velho crânio sem suco⁴².
Finge de franco o sovina,
Faz-se virtude a mazela...
Julgas Penélope aquela?
Repara que é Messalina!⁴³
AMBROSINA — Naquele maldito almoço
Muito a custo me contive...
Se o mundo enganado vive,
Não vivo eu!
LUCAS — Ouve...
AMBROSINA — Não ouço!
Defendê-los tu! Que **ideia!**
És chato por teu turno!
Toma hoje mesmo o noturno
E volta para a **Pauliceia!**
LUCAS — Não vive o mundo enganado,
Não toma a nuvem por Juno⁴⁴:

⁴¹ Juízo.

⁴² Cabeça vazia, pessoa sem juízo.

⁴³ Penélope e Messalina, personagens da história de Roma. A primeira representa a virtude; a outra, a má conduta social.

⁴⁴ Não se iluda.

O Badejo

Diz que o ladrão é ladrão,
Diz que é malvado o malvado,
E, sem que o disfarce o iluda,
Quando o seu chapéu para eles tira,
Cumprimenta uma mentira,
Uma máscara saúda;
Mas não se trata do mundo
E sim do juízo que fazes
Sobre dois pobres rapazes
Que não conheces a fundo.
Durante esse almoço triste,
Que não te deixou saudades,
Não viste suas qualidades,
Mais que os defeitos não viste...
Quem sabe se os namorados
Produzirão outro efeito
Quando, com arte e com jeito,
Os vejas desmascarados?
AMBROSINA — Com ou sem máscara, dize,
Aquele Manel de Soisa
Me falará noutra coisa
Que não seja o câmbio e a crise?
LUCAS — Vejam que grande desgraça!
Mas esse assunto varia,
Porque, enfim, lá vem um dia
Sobe o câmbio e a crise passa!
AMBROSINA — E o outro?... aquele janota⁴⁵,
De trinta milhões herdeiro,
Vidrinho de água de cheiro,
Tolo, ridículo, idiota?
De uma dívida estou livre,
Se com tal tipo me caso!
LUCAS — Menina, não faças caso:
Tudo aquilo é *savoir-vivre*.
AMBROSINA — Muito agradecida, Lucas:
Falo-te de coisas sérias,
E com insulsas pilhérias⁴⁶
Ao que eu digo retrucas!
Vou no meu quarto fechar-me!

⁴⁵ Pessoa que se mostra afetada em seu vestir. Popularmente conhecida como *mauricinho* ou *patricinha*.

⁴⁶ Piadas sem graça.

E que ninguém me apareça!
Estou com dor de cabeça:
Não é preciso ir lá chamar-me!
(*Sai arrebatadamente.*)

Cena III

Lucas, só.
— Tem razão, coitadinha! Eu, no seu caso,
Também arranjaría uma enxaqueca...
Qualquer dos dois galãs é o mais ridículo.
César Santos é todo positivo:
Outro assunto não tem para a palestra
Senão coisas da praça. As moças
Antipatizam necessariamente
Com tais assuntos, e falar nisso com elas
É o mesmo que se a gente as obrigasse
A ler nas folhas⁴⁷ tão somente a parte
Comercial. E o Benjamin? Que besta!
Um fenômeno quase! O próprio Édson⁴⁸,
Pensando, duvido que inventasse
Tão engenhosa máquina de besteiras!
Entretanto — quem sabe? — os dois rapazes
São talvez excelentes criaturas...
É o que preciso averiguar quanto antes;
Mas para isso é necessário
Que eu consiga conversar com ambos,
Cada um de uma vez...
(*Vendo entrar César Santos.*)
Oh, que coisa boal...
O César Santos!... Vou puxar por ele...
Também eu ponho agora a minha máscara.

Cena IV

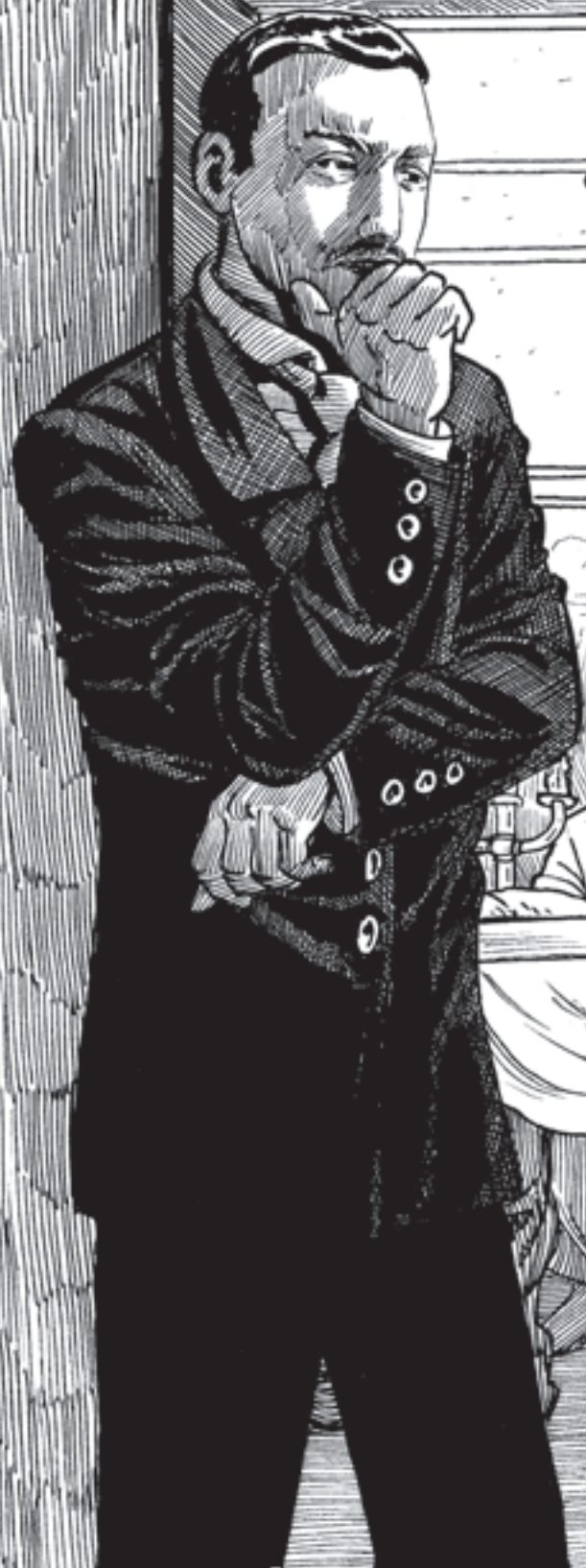
Lucas, César Santos
CÉSAR — Onde é que se meteu dona Ambrosina?
Vim procurá-la.

⁴⁷ Jornais.

⁴⁸ Thomas Edison, inventor norte-americano.

O Badejo

LUCAS — Foi para o seu quarto,
Queixando-se de dores de cabeça.
CÉSAR — Está naturalmente aborrecida
Por ter ouvido tantas baboseiras
Do Benjamin Ferraz. Que grande tipo!
Lá o deixei falando do seu cavalo
Que, para lhe dar ouvidos, é o melhor do mundo!
LUCAS — Não; ela não se queixa das tolices
Do Benjamin Ferraz; pelo contrário...
Acha nele certa originalidade.
Queixa-se do senhor.
CÉSAR — De mim?
LUCAS — Por certo,
Pois o senhor não vê que a moça é fútil,
E só gosta de ouvir futilidades?
Falta de educação... Oh!, eu conheço-a
Desde pequena, e sei dos seus defeitos.
O senhor só conversa coisas sérias...
CÉSAR — Não há nada mais sério que o comércio.
LUCAS — Pois sim! Vão lá dizer a ela! Não crê nisso!
CÉSAR — Falta a ela então critério?
LUCAS — Do comércio
Ela só toma a sério os armarinhos
Da Rua do Ouvidor.
CÉSAR — No entanto, julgo
Que o velho Ramos, ferragista honrado,
Foi no comércio que juntou dinheiro,
E do comércio vive, e vive a filha...
LUCAS — Ela quer lá saber dessas bobagens!
CÉSAR — Bobagens?
LUCAS — Esse é o termo que ela emprega.
Falem a ela de bailes, de teatros!
Tanto faz a ela que o câmbio esteja frouxo,
Ou que encontre na praça tomadores,
Ou que pela manhã, subindo a sete,
Baixe de tarde a seis e sete oitavos!
CÉSAR — Tenho pena, confesso: gosto dela,
E dói-me vê-la assim tão vazia.
LUCAS — Gosta dela?
CÉSAR — Certamente; e pretendia
Pedi-la em casamento ao pai.



SCHLOSSER

O Badejo

LUCAS — Mesmo?

Que me diz? Nesse caso fiz besteira!

Se de tais intenções eu suspeitasse,

Não me exprimira assim a seu respeito!

Pobre Ambrosina! E ela, com certeza,

Gosta igualmente do senhor!... Que diabo!...

Sempre serei um criançaola!

Tem graça agora se, por minha causa,

Perde Ambrosina um casamento destes!

Senhor, não faça caso do que eu disse!

Ela não gosta do comércio? Ora!

Peça a menina, case-se com ela!

O comércio virá depois... Que bruto

E que indiscreto fui!

CÉSAR — Sossegue, Lucas:

Se ela não me aceitar para marido,

Eu não me atiro ao mar por causa disso.

LUCAS — Ah!, bom! Já vejo que não gosta dela...

CÉSAR — Gosto... gosto... é bonita... é bem bonita...

Veste-se muito bem... toca piano...

LUCAS — E bandolim também, que é moda agora.

CÉSAR — Se é fútil, não faz mal; bem sei que as moças

São, pouco mais ou menos, todas fúteis!

Sim... depois de casada... vindo os filhos.

Há de neles pensar, no seu futuro,

E todo o dia, quando eu volte à casa,

Perguntará com certeza pelo câmbio.

LUCAS — Sabe que mais? Aqui ninguém nos ouve.

Confesse que se casa co' Ambrosina

Como se casaria... ande, confesse!...

Com qualquer outra moça tão bonita,

Que fosse filha de outro velho Ramos.

(César sorri.)

Este sorriso não me engana: é certo!

(Contendo a indignação.)

Faz você muito bem! (Permita, amigo,

Que o trate por você...) Todas as moças

São parecidas umas com as outras

Quando se vestem bem, tocam piano

E bandolim. É próprio de tolos

Preferir esta àquela, desde que haja

Beleza... e dote⁴⁹. Nós, os do comércio,
Mesmo tratando de formar família,
Não nos devemos esquecer que somos
Antes de tudo negociantes...

CÉSAR — Toca!

Tu és da minha escola! Tu permites
Que eu te trate por tu?

LUCAS — Pois não! Permito!

CÉSAR — O casamento é uma sociedade;
Toda mulher é sócia do marido:
Usa e assina o seu nome, e tem metade
De quanto lhe pertence.

Isso é conforme.

LUCAS — De direito é conforme, mas de fato
Tudo o que é dele é dela, e vice-versa.

Logo, é justo — não é? — que a nossa noiva
Nos traga um capital igual ao nosso.

CÉSAR — Tu tens vinte e dois anos?

LUCAS — E três meses.

CÉSAR — Falas que nem um velho! Não conheço
Quem tão bem raciocine nessa idade!

Se assim pensassem todos, não veríamos
Tantas desgraças que provêm — pudera! —
Da pobreza dos cônjuges!

LUCAS — Na França

Moça não há, bonita embora,
Que, sem ter dote, casamento arranje.

Aquilo é que é país!

CÉSAR — E no comércio

A francesa é caixeira⁵⁰ do marido.

LUCAS — Tinha eu então razão quando dizia
Que a ti tanto te faz uma como outra...

CÉSAR — Tinhas toda a razão. A ti, digo,

Pois vejo que não és nenhum poeta,
Nem nenhum visionário inconveniente,

Que viva numa nuvem cor-de-rosa.

És de Dona Ambrosina irmão de leite:

Peço-te, pois, que essa impressão destruas

⁴⁹ Conjunto de bens financeiros (imóveis, dinheiro, etc.) que a família da noiva transfere ao noivo na ocasião do casamento.

⁵⁰ Aquela que cuida da contabilidade do caixa em um estabelecimento comercial.

Que nela produzi; dize-lhe Lucas,
Que tenho planos, que tenho sonhos,
Eu sou muito capaz de fazer versos.
Numa página até do livro-caixa⁵¹!
LUCAS — Vai **tranquilo**.
(*À parte.*) Caiu como um patinho,
E por um triz não lhe esmurrei as ventas!

Cena V

Lucas, César Santos, João Ramos, Benjamin Ferraz e Dona Angélica

RAMOS — Então? Que é isso? Desertaram ambos?
ANGÉLICA — Ambrosina onde está, que não a vejo?
LUCAS — Para o seu quarto foi co' uma enxaqueca.
ANGÉLICA — Quê! Minha filha nunca teve disso!
LUCAS — Nesse caso, fez hoje a sua **estreia**.
ANGÉLICA — Valha-me o bom Jesus! Vou falar com ela!
LUCAS — Tenho aqui um vidro de sais ingleses⁵²...

(*Angélica sai sem lhe dar ouvidos.*)

RAMOS — Deixe. Não será nada. A senhorita
Bebeu Bucelas e bebeu Colares:

Não estando acostumada a tais misturas,
Sentiu-se incomodada.

CÉSAR — Não; não creia:

Muito pouco bebeu durante o almoço.

(*Senta-se e examina um álbum de fotografias.*)

BENJAMIN — Diz muito bem. Ela, nos cálices, apenas
Os lábios virginais umedecia.

RAMOS — Gosta de ver retratos, senhor César?

CÉSAR — É divertido.

(*Ramos senta-se ao lado de César e vai lhe mostrando os retratos.*)

RAMOS — Aqui me tem, no tempo
Em que eu tinha, talvez, a sua idade.

(*Lucas aproxima-se de Benjamin, que está sentado no sofá.*)

LUCAS (*À parte.*)

⁵¹ Livro no qual se registra a movimentação financeira do caixa de um estabelecimento comercial.

⁵² Sais ingleses são uma espécie de remédio que é utilizado para males diversos.

Vou penetrar nesta alma de desocupado.

(*Alto, sentando-se ao lado dele.*)

Quer saber o motivo da enxaqueca?

Que mistura de vinhos; que histórias!

RAMOS — Esta é minha mulher. Foi bem bonita.

CÉSAR — Ainda se parece.

BENJAMIN — Eu desconfio

Que indisposta ficou dona Ambrosina

Por tanto ouvir o César Santos

Falar em transações da praça.

LUCAS — Pois se engana.

RAMOS — Este é o meu sogro. Já lá está, coitado!

LUCAS — Foi o senhor a causa da enxaqueca.

BENJAMIN — Eu? Ora essa! Não compreendo. Explique-se!

RAMOS — A Ambrosina, quando era mais mocinha.

LUCAS — Ela, aqui para nós, é muito tola;

Não gosta de ouvi-lo falar; diz ela

Que o meu amigo só de si se ocupa.

BENJAMIN — Não costumo falar da vida alheia.

RAMOS — O falecido meu compadre Lopes,

Padrinho da pequena.

CÉSAR — Eu conheci-o.

Teve uma loja de calçado.

RAMOS — É isso.

Na Rua da Quitanda. Era bom homem.

LUCAS — Ela não aprecia o seu estilo...

É tão mal preparada! Só lhe agradam

Palavras corriqueiras... É bonita,

Elegante, não nego, mas — que pena! —

Falta-lhe o *savoir-vivre*. Uma burguesa!

RAMOS — Este é o Freitas Simões, que foi meu sócio.

Hoje é o senhor visconde d'Alcochete!

BENJAMIN — Pois tenho pena que ela me deteste:

Pretendia pedi-la em casamento.

LUCAS — Pedi-la em casamento? Oh, desastrado!

Meu Deus, fi-la bonita⁵³! Meu amigo,

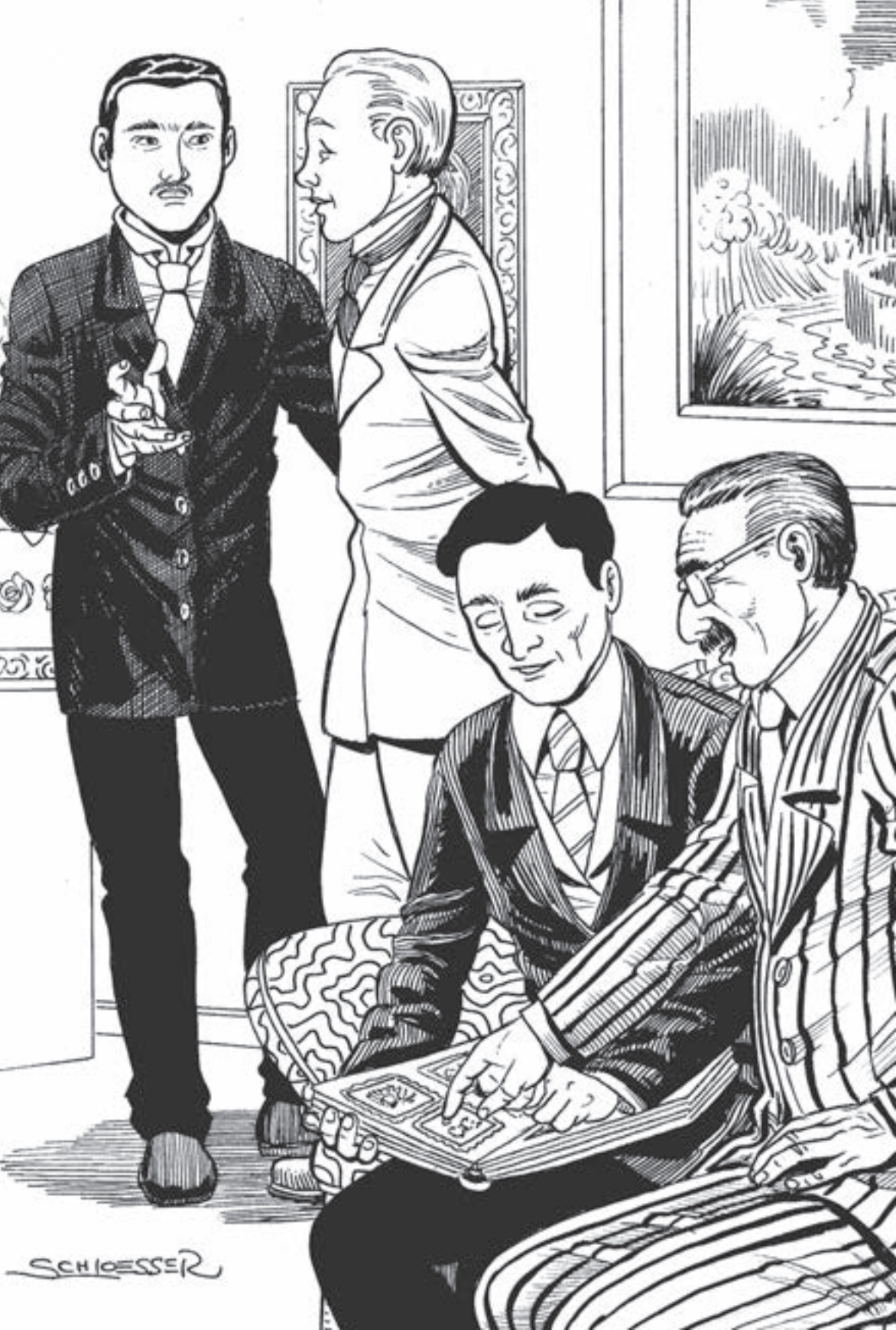
Não faça caso do que eu disse! Pílulas!

Por minha causa perde a moça

Um casamento destes! Não! Não! Casem-se!

Virá depois o *savoir-vivre*! Diabo!...

⁵³ Perceba que a personagem está sendo irônica e que a expressão *fi-la bonita*, na verdade, significa *manchei/denegri sua imagem*.



Serei sempre uma criança estúpida!...

RAMOS — O Gouveia da Rua do Mercado.

BENJAMIN — Não; eu não desanimo por tão pouco,
E lhe agradeço até, meu caro jovem,
Ter-me informado sobre os gostos dela...

RAMOS — Conhece? É o Nazaré da Rua Sete,
Mas no tempo em que usava a barba toda.

BENJAMIN — Eu tratarei de transformar-me, creia;
Mas se ainda assim nas suas boas graças
Não cair, paciência... Outra donzela
Talvez eu encontre, menos exigente.

O que me agrada nela é a formosura
Com que a moldou a natureza generosa;

Outra coisa não é, porque sou rico,
E ainda espero em Deus herdar bastante...

LUCAS — Em Deus? Sim, tem razão; é Deus quem
mata...

RAMOS — Este é o doutor Galvão, que é nosso médico.

BENJAMIN — De bom grado eu seria o seu marido,
Por ser senhora muito apresentável,

Que faria figura no *grand monde*⁵⁴

E enfeitaria bem um camarote

Do Lírico; entretanto, um sacrifício

Não quero que ela faça, está bem visto.

CÉSAR — Este eu conheço muito: é o João Moreira.

BENJAMIN — Modéstia à parte, a um homem desta classe,

Que é moço, e não é feio, e tem saúde,

E é milionário ou quase milionário,

E viajou por toda a culta Europa,

E anda trajado no rigor da moda,

E faz figura em cima de um cavalo,

E fuma disto...

(*Mostra o charuto que fuma e faz menção de tirar outro da
algibeira*⁵⁵.)

Quer provar?

LUCAS — Não fumo.

BENJAMIN — A um homem desta classe nunca faltam

Mulheres que o pretendam, que o disputem,

Que se arranhem para conquistá-lo!

⁵⁴ Na alta sociedade.

⁵⁵ Bolso.

O Badejo

(Aproxima-se de Ramos e César, que têm acabado de percorrer o álbum.)

LUCAS *(À parte.)*

— O outro é tolo e malandro; este é só tolo...

É muito fácil vê-lo pelas costas.

Cena VI

Lucas, João Ramos, César Santos, Benjamin Ferraz, Dona Angélica

RAMOS *(A Angélica que entra.)*

— Então? Que é?...

ANGÉLICA — Não é nada. Aquilo passa.

RAMOS — Não quero que os amigos se retirem

Sem ver a nossa chácara. Proponho

Um pequeno passeio.

CÉSAR — É bem lembrado.

BENJAMIN — É conveniente um pouco de exercício

Depois do magnífico almoço que tivemos

E ao nosso anfitrião faz tanta honra.

RAMOS — Bondade sua, meu amigo. Angélica,

Vai buscar os chapéus destes senhores.

BENJAMIN *(Indo buscar o seu chapéu.)*

— Então? Não se incomode, excelentíssima!

CÉSAR *(Idem.)*

— Oh!, pelo amor de Deus, minha senhora!

RAMOS — Vamos! Não vens, Angélica?

ANGÉLICA — Não. Fico

Fazendo companhia à nossa filha.

LUCAS — E eu faço companhia a dona Angélica.

RAMOS — Vamos então nós três. Eu vou mostrar-lhes

Uma nascente de água ali no morro...

(Saem César, Benjamin e Ramos, que continua falando algo até que a voz se perca ao longe.)

Cena VII

Lucas, Dona Angélica, depois Ambrosina

ANGÉLICA — Que enxaqueca! Que nada!

Ambrosina, meu rapaz...

LUCAS — Santos não quer ser chamada,
Nem ser madame Ferraz.

ANGÉLICA — Sabias?

LUCAS — E uma enxaqueca

Espertamente arranjou,

Para livrar-se da seca

Que o papai lhe reservou.

O Ferraz embriagado

Em vão se encareceu,

E o César — pobre coitado! —

Chegou, viu, mas não venceu⁵⁶.

ANGÉLICA — Vês que menina exigente?

LUCAS — No seu direito ela está!

É bonita, inteligente,

E tem um dote... oh, alto lá!

Deixe! O que não se faz hoje

Pode-se fazer amanhã...

Sossegue, que não foge

O seu príncipe *charmant*⁵⁷.

ANGÉLICA — A galope os desenganos

À casa podem chegar...

Ela tem vinte e dois anos:

Não deve mais esperar.

LUCAS — Momento melhor aguarde;

Não é preciso correr.

Espere, que nunca é tarde

Para uma besteira fazer.

Gosto a senhora teria

Se Ambrosina de qualquer

Daqueles tipos um dia

— Franqueza! — fosse mulher?

ANGÉLICA — Tu não dizes o que sentes:

Dois tipos eles não são.

LUCAS — Deixe-se de panos quentes!

É cada qual mais tipão⁵⁸!

ANGÉLICA (*Depois de certa hesitação.*)

— Ah!, se o meu genro escolhido

Fosse por mim, só por mim,

De minha filha o marido

⁵⁶ Referência à suposta frase de Júlio César, general de Roma: “Vim, vi, venci”.

⁵⁷ Encantado.

⁵⁸ Estranho.

O Badejo

Serias tu.

LUCAS — Eu?

ANGÉLICA — Tu, sim!

(Ambrosina aparece à porta e escuta o diálogo.)

Que outro genro achar podemos

Melhor do que tu?

LUCAS — Perdão.

Sobre outra coisa falemos.

ANGÉLICA — Não te agrada o assunto?

LUCAS — Não.

E mais essa carta não deite⁵⁹...

ANGÉLICA — Ambrosina...

LUCAS — Tá tá tá!

Ela é minha irmã de leite...

ANGÉLICA — Impedimento não há.

LUCAS — Há, e um grande impedimento:

O impedimento moral:

Semelhante casamento

Seria tão desigual...

ANGÉLICA — Desigual por que motivo?

LUCAS — Não é preciso dizer.

ANGÉLICA — És quase um filho adotivo:

Deves ser franco!

LUCAS — Vou ser.

De uma... alugada era filho

Quando nesta casa entrei,

E seria um maltrapilho

Sem a proteção que achei.

ANGÉLICA — És tolo.

LUCAS — Se seu marido

Não me desse proteção,

Eu me teria perdido...

ANGÉLICA — Quem sabe? Talvez não.

LUCAS — Não! Essa **ideia** me humilha!

Eu não pago tanto amor

Pretendendo a mão da filha

Do meu santo protetor!

ANGÉLICA — Adeus, minhas encomendas!

Não me entendeste, rapaz!

Eu não digo que pretendas,

⁵⁹ *E mais essa carta não deite*: não fale mais no assunto.

Pois pretendido serás.

LUCAS — Se eu me casasse com ela,

Que diriam por aí?

O mundo é tão tagarela!

ANGÉLICA — Ora!, que diriam?

LUCAS — Xi!

“O Lucas, aquele intruso,

Noiva e dote abiscoitou!

De confiança um abuso

Friamente praticou!

Parecia não ter vícios,

Mas vede o pagamento que deu

A todos os benefícios

Que do velho recebeu!”

Já vê que esse casamento

De modo algum me convém,

E que todo o fundamento

Os meus escrúpulos têm.

ANGÉLICA — São tolos esses assomos⁶⁰

De dignidade.

LUCAS — Talvez.

ANGÉLICA — Nós aqui em casa não somos

Nenhuns fidalgos, bem vê.

Meu marido foi caixeiro

E hoje apenas é patrão,

E meu pai foi sapateiro,

Depois de ser remendão⁶¹.

Somos, sim, família honesta

E temos alguns vinténs;

Mas, se a fidalguia é esta,

Filho, também tu a tens.

A razão por que não queres

Ser meu genro essa não é;

Mas — anda lá! — tu preferes

Mentir...

LUCAS — Mentir! Eu?

ANGÉLICA — Olé!

Apesar de não ser fina,

Claramente vendo estou

Que não gostas de Ambrosina,

⁶⁰ Impulsos.

⁶¹ Auxiliar de sapateiro.

O Badejo

Já aqui não está quem falou.

(Vai retirar-se, mas Lucas toma-lhe a passagem.)

LUCAS — Não gosto de Ambrosina? Engana-se! Ambrosina

É a flor que me perfuma, o Sol que me ilumina!

Achava o meu afeto apenas fraternal,

Mas hoje, quando entrei, alegre e jovial,

E uma senhora achei na tímida criança

Que do passado meu era a melhor lembrança,

Deslumbrei-me, e senti que uma transformação.

Meu Deus!, se operava no meu coração!

Não pode calcular como os dois namorados

Tão senhores de si, risonhos, confiados,

Me encheram de ciúme, e como revivi

Quando por serem tão ridículos, os vi

Perder terreno... Oh, não!, não diga, por piedade.

Que eu não gosto daquela esplêndida beldade!

Eu amo-a loucamente, eu amo-a com fervor!

Amor não pode haver maior que o meu amor!

Mas peço-lhe por Deus que guarde este segredo

Que murmuro tremendo e gaguejo com medo.

Não devo casar com sua filha, pois

Que um abismo fatal existe entre nós dois!

Se o meu segredo for por mais alguém sabido,

Juro-lhe que disparo um revólver no ouvido!

AMBROSINA *(Mostrando-se.)*

— Vamos! Dispara! O teu revólver onde está?

Eu quero ver morrer um homem! Vamos lá!

LUCAS — Ambrosina!

AMBROSINA — Acho bom, porém, que, antes do tiro

Com que vais te matar, demos ambos um giro

Até o cartório e até a igreja.

ANGÉLICA *(A Lucas.)*

— Aí tens:

És noivo; aceita os meus sinceros parabéns.

AMBROSINA — Mau! Feio! Escutei tudo ali daquela porta.

Se não disseses “Amo”, eu cairia morta!

O que te aconteceu aconteceu a mim:

Se tão cedo não vens, talvez o Benjamin,

Ou o César — um dos dois — fosse o meu noivo agora.

Mas tu chegaste a tempo. Ao te ver, sem demora

Me pareceu que Deus te conduzia aqui

Para arrancar-me do outro e oferecer-me a ti.

ANGÉLICA (*A Lucas.*)

— Então? Que dizes tu?

LUCAS — Digo... Não digo nada!

Foi de tal modo pelo acaso combinada

Esta cena de amor que ninguém... sim, ninguém

Me poderá dizer: — “Tu não andaste bem”.

Estes castelos no ar é bom que os não façamos,

Todavia, sem ter ouvido o velho Ramos.

Não podemos saber como ele acolherá

Esta conspiração...

ANGÉLICA — Eu vou falar com ele já.

LUCAS — Já? Isso não!

ANGÉLICA — Por quê?

LUCAS — Convém primeiramente

Fazê-lo desistir de um e de outro pretendente.

Eu disse me encarrego. E só depois que os tais

Saírem... — sairão, e aqui não voltam mais,

Prometo-lhes!...

ANGÉLICA — Bem bom! Bem bom!

AMBROSINA — Isso me alegra.

LUCAS — Só depois eu farei o meu pedido na regra.

AMBROSINA — E o tiro? Pum!

LUCAS — Eu o darei, se à tua decisão

O velho opõe um veto...

AMBROSINA — Vai lhe dar sanção⁶².

(*Ouvem-se vozes.*)

ANGÉLICA — Eles de volta aí vêm.

AMBROSINA (*Beijando a mãe.*)

— Mamãe, muito obrigada.

ANGÉLICA — Se soubessem os dois que a praça foi tomada⁶³...

Cena VIII

Lucas, Dona Angélica, Ambrosina, João Ramos, César Santos, Benjamin Ferraz

RAMOS — Que maçada⁶⁴ lhes dei! Confessem ambos!

CÉSAR — Não diga tal! Foi um passeio esplêndido!

⁶² Aprovação formal.

⁶³ a praça foi tomada: o lugar de pretendente já foi ocupado.

⁶⁴ Aborrecimento.



SCHLOSSER

BENJAMIN — Tem uma bela chácara. Algum dia

Vou mostrar-lhe a minha: um paraíso!

CÉSAR — Já ficou boa da enxaqueca?

AMBROSINA — O Lucas

Um remédio me deu de efeito pronto.

LUCAS (*À parte.*)

— Só me faltava ser analgésico...

CÉSAR (*Com esforço.*)

— Numa linda cabeça como a sua,

Onde brilham dois olhos tão formosos,

A enxaqueca devia ser proibida.

AMBROSINA (*Rindo-se.*)

— Que bela frase!

CÉSAR (*À parte.*)

— Decididamente

Falta-me o jeito para as coisas fúteis!

BENJAMIN — A enxaqueca, senhora, é mal terrível,

Porque desvia do trabalho o cérebro,

E o trabalho é a alavanca do progresso,

É o comércio, a lavoura, a indústria, é tudo!

AMBROSINA (*Rindo-se.*)

— Falou bonito!

BENJAMIN (*À parte.*)

— Decididamente

Não tenho queda⁶⁵ para as coisas sérias!

RAMOS — Mas que remédio milagroso é esse?

Durante o almoço estavas tristonha

Nem provaste do famoso badejo!

E agora tão risonha venho te achar!

Verias tu, durante a nossa ausência,

Um passarinho verde?

AMBROSINA — Não vi nada;

Mas o fato é que estou muito contente.

RAMOS — Bom. Nesse caso, vais tocar um pouco

De bandolim. Desejo que os amigos

Antes de nos deixar te batam palmas.

AMBROSINA — Com mil vontades. Senhor César Santos?

Senhor Forjaz?...

BENJAMIN — Ferraz, excelentíssima.

AMBROSINA — Peço toda a bondade.

⁶⁵ *Ter queda*: levar jeito, ter talento.

O Badejo

CÉSAR — Oh!

BENJAMIN — Ora essa!

ANGÉLICA — Na sala de jantar corre mais vento,
E o bandolim lá está.

RAMOS — Para lá vamos!

Entrem, senhores meus!

CÉSAR (*Oferecendo o braço a Ambrosina.*)

— Minha senhora?

BENJAMIN (*Idem.*)

— Minha senhora?

AMBROSINA (*Entre os dois.*)

— Dois? Pois bem! Não quero

Que nenhum se desgoste por tão pouco,

E aceito o braço que ambos me oferecem.

(*Sai pelo braço de ambos.*)

ANGÉLICA — Malcriados! Esquecem-se da velha!

RAMOS (*Oferecendo-lhe o braço.*)

— Aqui tens, minha amiga.

ANGÉLICA — É pão com rosca⁶⁶.

RAMOS (*A Lucas, passando com Angélica pelo braço.*)

— Não vens?

LUCAS — Por ora não. Logo que possa

Safar-se, venha ter aqui comigo.

Preciso dar-lhe duas palavrinhas.

RAMOS — Quantas quiseres, Lucas. Até logo.

(*Sai com Angélica.*)

LUCAS (*Só.*) — Que dirás, minha mãe, quando souberes?

(*Cai o pano.*)

⁶⁶ Casal de amigos muito íntimos.

Ato terceiro

A mesma sala

Cena I

LUCAS, só

(Lucas está olhando para o lado da sala de jantar, de onde chegam os sons de um bandolim.)

Não há que pensar: João Ramos não se lembra
De que o espero aqui há meia hora.

Ele está preso ao bandolim da filha,
O olhar interessado, o ouvido atento,
A boca aberta, as mãos sobre os joelhos.

Oh, que velho tão bom! Que pai feliz!

Neste instante ninguém seria capaz
De arrancá-lo daquele doce pensamento!

Ouvindo aqueles sons melodiosos,

Ele talvez na mente rememore

O tempo em que Ambrosina era assinzinha,

E no seu colo adormecia às vezes.

(O bandolim cala-se. Aplausos.)

Ela acabou. O velho levantou-se.

Para este lado olhou. Viu-me.

(Faz um sinal para dentro.)

Ora, graças!,

Ele aí vem finalmente. Ei-lo comigo.

Queira Deus que lhe agrade a minha **ideia**.

Do contrário não temos nada feito.

Cena II

Lucas, João Ramos

RAMOS — Lucas, meu filho, desculpa,

E não me acuses a mim,

Pois quem teve toda a culpa

Foi aquele bandolim.

Quando a pequena dedilha

As duas cordas, sei lá!

Deixa de ser minha filha:

O Badejo

É um anjinho que aí está!
Minh'alma sinto levada
Para outro mundo melhor;
Não vejo nem ouço nada
Do que se passa em redor!
Se o copeiro me dissesse:
— “Há fogo na casa, patrão!”
Talvez por isso não desse,
Nem lhe prestasse atenção!
Não me queiras mal, portanto,
Se mais depressa não vim;
Quem te fez esperar tanto
Foi aquele bandolim.
LUCAS — Mas vamos ao que se trata.
RAMOS — Estou sempre ao teu dispor.
Alguma negociata
Tu me desejas propor?
Queres que eu seja teu sócio?
LUCAS — Não, senhor; para tratar
Aqui de qualquer negócio,
Havia de procurar
Ocasão mais propícia,
Sem César nem Benjamin,
E não causaria delícia
Roubá-lo do bandolim.
RAMOS — Oh, meu rapaz!, tu me assustas!
Onde queres tu chegar?
LUCAS — Sossegue; as almas robustas
Não têm de que se assustar.
Uma inverossimilhança⁶⁷,
Que poderá fazer rir,
É — não acha? — uma criança
A um velho os olhos abrir;
No entanto, o fato é patente⁶⁸!
RAMOS — Mas não me dirás, enfim?...
LUCAS — Trata-se precisamente
Da dona do bandolim.
Dos dois moços namorados,
Que hoje almoçaram aqui,
Já foram bem estudados

⁶⁷ Coisa pouco provável, pouco possível de ser verdade.

⁶⁸ Evidente.

Pelo senhor?

RAMOS — E por ti?

LUCAS — Por mim o foram, e juro
Que nenhum deles convém!

RAMOS — Ó, Lucas, eu te asseguro
Que são dois homens de bem!

LUCAS — É César Santos matreiro⁶⁹

Um caça-dotes ruim,
Que faz questão de dinheiro
E não faz de bandolim!

RAMOS — Semelhante inconveniência
Me espanta nos lábios teus!

LUCAS — Proponho uma experiência
E o aconselho...

RAMOS — Ora, adeus!

Dás-me um conselho? Ao que vejo,
Inverteram-se os papéis!

LUCAS — Mal empregado badejo
De vinte e cinco mil réis!

(Ouve-se o bandolim.)

RAMOS — Deus te dê o que te falta!
Ouves?

LUCAS — Ouço.

RAMOS — Plim, plim, plim!
Sabes que mais, meu peralta⁷⁰?

Não resisto ao bandolim

(Quer retirar-se. Lucas toma-lhe a passagem.)

LUCAS — Venha cá! Falo sério! Não ria!

César Santos não gosta de Ambrosina,
Ou antes, gosta, como gostaria

De qualquer outra menina
Que fosse linda e que tivesse dote...

Ele quer dar-lhe um bote!

RAMOS — Mas como sabes disso?

LUCAS — Ele em pessoa

Me declarou que assim pensava.

RAMOS — É boa!

LUCAS — Fingi-me um patife da sua laia;
Conquistei sua confiança prontamente,

⁶⁹ Malandro, espertalhão.

⁷⁰ Vadio, desocupado.



SCHLOSSER

E dei-lhe um vomitório de poaia⁷¹.
RAMOS — E vomitou?
LUCAS — Duvida!... O Lucas mente?...
RAMOS — Não vêes que isso foi pala?
Quis brincar, está visto!
LUCAS — Pois bem, eu pela experiência insisto!
RAMOS — Lá vem de novo a experiência! Fala!
Como é que me aconselhas que manobre?
LUCAS — Chame-o de parte e diga-lhe que é pobre,
Que sua filha não tem dote... Invente!...
E se ele, ouvindo essa tremenda história,
Não se puser fora imediatamente,
As mãos entregarei à palmatória⁷².
RAMOS — Em todo o caso, é boa essa armadilha,
Porque me custaria ver casada,
Por ter um dote apenas, minha filha,
Quando com tantos outros é dotada...
LUCAS — Eu vou lá para dentro e aqui lhe mando.
Mas não tenha vergonha:
Invente uma catástrofe medonha.
Suspire, se puder de vez em quando...
Coisas incríveis dirá, conjecturo⁷³;
Não se importe: ele é homem
Desses que todas as araras comem
E que o reino do céu tem já seguro.
Diga que o jogo e os seus fatais caprichos
Levaram-lhe a economia;
Que cem contos de réis perdeu nos bichos,
Cem na roleta, cem na loteria,
E cem na Bolsa!
RAMOS — Xi! Que jogatina!
E o Benjamin Ferraz?
LUCAS — Ora! Ambrosina
Já tem um bandolim: outro dispensa.
RAMOS — Achas então que o moço?...
LUCAS — É mesmo um bandolim... de carne e osso.
Esse em dote não pensa.
RAMOS — Eu creio mesmo que não pensa em nada.

⁷¹ Medicação dada para um doente vomitar. No texto, significa que ele o pôs a falar.

⁷² *Entregar as mãos à palmatória*: desistir

⁷³ *Conjecturar*: imaginar.

O Badejo

LUCAS — Mas fica essa figura reservada para depois.
Eu vou mandar-lhe o tipo.
Meus parabéns sinceros lhe antecipo. (*Sai*)

Cena III

João Ramos, só
— É levado da breca⁷⁴ este meu Lucas!
Mas não é que ele teve uma lembrança
Que não teria toda a gente?
Eu vou mentir... mas, ora!, se o faço,
É para o bem da minha filha amada,
E a mentira que vou pregar só pode
Prejudicar o próprio mentiroso,
Pois se a pílula engole o César Santos⁷⁵,
Vai dizer por aí que estou quebrado;
Mas como a ninguém devo, que me importa?
Ele vem aí. Temos cena de comédia!
Coragem! Vou pregar uma mentira
Pela primeira vez na minha vida...

Cena IV

João Ramos, César Santos
CÉSAR — Desejava falar comigo, senhor Ramos?
RAMOS — Desejava lhe falar, senhor César.
(*Dando-lhe uma cadeira.*)
Tenha a bondade, sente-se.
CÉSAR — Obrigado.
(*Senta-se. Ramos se senta também.*)
Estou às suas ordens.
RAMOS — Meu amigo,
O senhor, uma noite, no Cassino,
Minha filha encontrou, dançou com ela,
E no dia seguinte começou
A passar pela porta de nossa casa
Todas as tardes, mesmo se chovia.
Se percebia a pequena à janela,

⁷⁴ *Levado da breca*: danado.

⁷⁵ *Engolir a pílula*: deixar-se levar, acreditar em uma mentira.

Tirava seu chapéu amavelmente,
E lhe sorria assim de certo modo...
Achando no senhor um bom partido,
Por saber, de pessoas fidedignas,
Que está perfeitamente encaminhado,
Para almoçar comigo convidei-o
E preparei um succulento almoço
Com algum sacrifício...

CÉSAR (*À parte.*)

— Sacrifício?

RAMOS — Para não parecer que eu convidava
Um namorado e lhe empurrava a filha,
O Benjamin Ferraz, aparecendo,
Foi também convidado.

(*À parte.*) Esta mentira

Não estava no programa.

(*Alto.*) O que eu queria,

Trazendo-o para junto de Ambrosina,

Era fazer com que se aproximassem

E se entendessem de uma vez por todas.

Ficam abertas ao senhor as portas desta casa.

CÉSAR (*Erguendo-se.*)

— Muito obrigado, senhor Ramos.

RAMOS — Sente-se.

(*César senta-se.*)

Antes, porém, que as coisas vão mais longe,

Uma revelação quero lhe fazer

Imposta pela minha lealdade.

(*À parte.*) Lá vai!

(*Alto.*) Sou pobre.

CÉSAR (*Erguendo-se como impulsionado por uma mola.*)

— É pobre!

RAMOS — Muito pobre.

Infelizmente perdi tudo. Sente-se.

CÉSAR (*Seco.*)

— Estou perfeitamente bem.

RAMOS (*Erguendo-se.*)

Nesse caso,

Levanto-me eu também, meu caro amigo.

CÉSAR — Mas como foi?...

O Badejo

RAMOS — Cavalarias altas⁷⁶!

Joguei na baixa⁷⁷.

CÉSAR — E perdeu tudo?

RAMOS — Tudo,

A começar pelo juízo... Apenas

Desse naufrágio escapou minha honra.

CÉSAR (*Naturalmente.*)

— Mas de que vale a honra sem dinheiro?

RAMOS (*Depois de estremecer como se o esbofeteassem.*)

— Basta! Não é preciso ouvir mais nada!

Lucas, vem cá!

CÉSAR — Que significa isso?

RAMOS — A experiência fica no meio apenas.

Cena V

João Ramos, César Santos, Lucas

RAMOS (*A Lucas, que entra.*)

— Imaginavas que este sujeitinho,

Ouvindo-me dizer que eu era pobre,

Na rua se pusesse imediatamente;

Pois bem: sou eu, vais ver, que o ponho fora

Da minha casa honrada, e, se não o ponho

A pontapés, é porque nesta idade

Não há mais pontapés que deixem marca!

CÉSAR — Senhor!

RAMOS (*A Lucas.*)

— Quando eu lhe disse que era pobre,

Mas que era honrado, respondeu-me, filho,

Que a honra nada vale sem dinheiro!

LUCAS — O dinheiro sem honra, há quem prefira.

(*Vai buscar a bengala e o chapéu de César Santos.*)

RAMOS — Saia já desta casa!

(*Movimento de César. Com mais força.*)

Saia!

LUCAS — Saia...

⁷⁶ Apostas de risco.

⁷⁷ *Jogar na baixa*: especular no mercado financeiro sobre a baixa de valores a fim de obter lucros. No caso, a personagem investiu em algo incerto.

E nada lhe responde: é o mais prudente.
(*César encolhe os ombros, toma o chapéu e sai com arrogância. João Ramos fica muito agitado, percorrendo a cena.*)

Cena VI

João Ramos, Lucas

RAMOS — Que cinismo! Que descarado!...

Quatro murros merecia!...

LUCAS — Então? Eu não lhe dizia?

Badejo mal empregado!

Vamos lá! Não se apoquente,

Que está salva a sua filha...

Mas olhe que se ele a pilha⁷⁸!...

RAMOS — Não a pilhou felizmente!

LUCAS — Temos o outro namorado

E uma nova experiência...

RAMOS — Mas esse — tem paciência —

É moço muito educado,

Incapaz de dar-me um coice

Como aquele parasita!

(*Falando para a porta por onde César saiu.*)

Vai haver quem te corrija,

Meu descarado!

LUCAS — Acabou-se.

Não se trata desse agora,

Mas do bandolim Ferraz...

RAMOS — Que também me deixe em paz!

Que também se vá embora!

Se um bruto casa com ela,

Um dia prego-lhe um tiro!

LUCAS — Esteja calmo.

RAMOS — Prefiro

Que vá de palma e capela

Quando morrer!

(*Pausa, durante a qual o velho procura acalmar-se.*)

Mas que dizes

Do tal namorado piegas⁷⁹?

Já agora acredito às cegas

⁷⁸ Pilhar: apossar-se, tomar posse.

⁷⁹ Piegas: de sentimento exagerado.



Em tudo de que me avises!
LUCAS — Não creio que ele pratique
Uma ação indecorosa:
Mas é muito tolo... todo prosa...
Presta-se muito ao debique⁸⁰,
E de ridículo a dose
Que traz em si, permanente,
Refletirá fatalmente
Sobre a mulher que ele espose.
Será um desconsolo,
Meu caro, que a filha sua,
Sempre que sair à rua
Vá pelo braço de um tolo.
Ele tem muitas patacas⁸¹,
E ainda deve herdar de uns matutos,
Para comprar mais charutos
E novas sobrecasacas;
Mas todo esse cobre junto,
Toda essa bela herança,
Entrando em conta a esperança
Dos sapatos de defunto⁸²,
Que vale nas mãos de um homem
Desses — e é grande a cambada! —
Que, não produzindo nada,
Enormemente consomem?
Quem vive dessa maneira,
E da sua fartura se gaba,
Por via de regra acaba
Por não ter eira nem beira⁸³.
Ambrosina — coisa horrível! —,
Nas mãos desse desfrutável⁸⁴,
Tem a pobreza provável,
Tem a miséria possível!
RAMOS (*Erguendo-se.*)
— Qual será o espantalho?
LUCAS — Diga-lhe, na surdina:

⁸⁰ *Debique*: zombaria, troça.

⁸¹ *Pataca*: moeda antiga. No texto, pode ser entendido como *dinheiro*.

⁸² *Esperar pelos sapatos do defunto*: esperar por um benefício que parece nunca chegar.

⁸³ *Não ter eira nem beira*: ser pobre.

⁸⁴ Aquele que se expõe ao ridículo.

O Badejo

— “Quer casar ‘coa’ menina?
Pois bem: procure trabalho!”.
Se o senhor assim o avisa,
Faço todas as apostas
Em como, voltando as costas,
Ele aqui nunca mais pisa.
RAMOS — Pois manda-o cá!
LUCAS — Vou mandá-lo.
Verá como a coisa pega!
Fale-lhe firme!
RAMOS — Sossega:
Firme, bem firme lhe falo! (*Lucas sai.*)

Cena VII

João Ramos, só
— Oh! Feliz o pai que lhe entregar a filha!
Vinte e dois anos só! Quando este bigorrilha⁸⁵
Contar a idade que tenho, será um portento⁸⁶!
Aquilo sim, senhor, aquilo é que é talento!
É ele a boca abrir, são flores e mais flores!
Até me faz lembrar Jesus entre os doutores!
Devia tê-lo feito entrar na Academia...
Que brilhante orador, que bacharel daria!...

Cena VIII

João Ramos, Benjamin Ferraz
RAMOS — Venha, meu caro amigo, e me desculpe
Se o privei de mais doce companhia;
Mas é preciso que nos entendamos
Sobre assunto que muito me interessa.
BENJAMIN — Antes de prosseguir, Senhor João Ramos,
Cumprimentá-lo quero entusiasmado:
Tem uma filha verdadeiramente
Artista; o bandolim, nas delicadas
Mãos de dona Ambrosina, diviniza-se!
Ouvi três peças, cada qual mais bela!

⁸⁵ *Bigorrilha*: João-ninguém.

⁸⁶ *Portento*: indivíduo grandioso, de grande valor.



SCHLOESSER

O Badejo

Que vivacidade! Que expressão! Que sentimento!...

RAMOS — Gosta muito de música?

BENJAMIN — Muitíssimo.

RAMOS — E que instrumento é o seu?

BENJAMIN — Nenhum.

RAMOS — É pena.

BENJAMIN — Mas tive um primo que tocava flauta.

RAMOS — Queira sentar-se aqui nesta cadeira,

E prestar-me atenção.

BENJAMIN (*Sentando-se.*)

— Sou todo ouvidos.

RAMOS (*Depois de sentar-se também.*)

— Há quinze dias, no Teatro Lírico,

Num camarote eu estava “coa” família

E o senhor na **plateia**.

BENJAMIN — A companhia

Cantava o *Mefistófeles*, de Boito⁸⁷.

RAMOS — Mas o senhor pouca atenção prestava

À Margarida, ao Fausto e ao Mefistófeles,

E do meu camarote não tirava

Os olhos, com binóculo ou sem ele.

Bom. Nós éramos três no camarote...

BENJAMIN — O senhor, a senhora dona Angélica

E a nossa genial bandolinista.

RAMOS — Ora, não creio que os olhares fossem

Dirigidos a mim, que sou marmanjo,

Nem a minha mulher, que é mulher velha;

Não é preciso, pois, ser muito esperto

Para ver que o seu alvo era Ambrosina.

(*Benjamin sorri.*)

Acabado o espetáculo, na porta

O senhor esperou por nós... por ela,

Quero dizer, e suspirou tão alto,

Que a atenção provocou de toda a gente!

BENJAMIN (*Suspirando.*)

— Ai! Não sei suspirar de outra maneira!

RAMOS (*À parte.*)

— Vá suspirar pro diabo que o carregue!

(*Alto.*) Já na manhã seguinte o seu cavalo

Passava com o senhor em cima dele,

⁸⁷ *Arrigo Boito*: compositor italiano.

E nas outras manhãs esse passeio
Foi reproduzido às mesmas horas.
E se à janela minha filha estava,
O senhor lhe fazia um cumprimento,
Dando voltas com mais graça, e ela
Correspondia ao cumprimento.

BENJAMIN — Vejo

Que tudo sabe.

RAMOS — Eu sou bom pai.

BENJAMIN — Com certeza.

RAMOS — Achando no senhor um bom partido,

Para almoçar comigo convidei-o,

E, pra não parecer que convidava

Um namorado e lhe empurrava a filha,

O César Santos...

BENJAMIN — Onde está?

RAMOS — Moscou⁸⁸-se...

(Continuando.)

Moscou-se.

O César Santos, que conosco estava,

Foi também convidado. O que eu queria,

Trazendo-o para junto de Ambrosina,

Era fazer com que se aproximassem

E se entendessem de uma vez por todas.

BENJAMIN *(Erguendo-se.)*

— Senhor João Ramos, eu não sei quais sejam

Os sentimentos dela a meu respeito,

Porque, se bem que nos aproximássemos,

Inda não conversamos um com o outro;

Se ela quiser ser minha esposa amada

E da minha riqueza ter metade,

O mais feliz serei dos namorados;

Se não quiser, o mais inconsolável.

Inda há poucos momentos eu gostava

De sua filha pela formosura

Com que a fez a natureza apenas;

Mas, depois que a ouvi, deslumbrado,

Naquele doce bandolim, que as pedras,

Como a lira de Orfeu⁸⁹, mover podia,

Sinto aqui dentro uma impressão mais forte!

⁸⁸ *Moscar-se*: sumir.

⁸⁹ Segundo a mitologia grega, Orfeu era um talentoso poeta e músico.

O Badejo

Isto é amor, não é namoro; isto
É mais que amor, talvez; paixão, quem sabe?
RAMOS (*Erguendo-se.*)

— Paixão? Não exagere, meu amigo!

BENJAMIN (*Idem.*)

— As paixões, meu senhor, começam assim.

O que é preciso para transformar-nos?

Um simples bandolim!

RAMOS — Antes que as coisas

Vão mais longe, meu caro, é indispensável

Que sobre um grave assunto conversemos,

Muito mais positivo e mais...

BENJAMIN — Permita

Que o interrompa. Eu sei de que se trata.

Sou rico, sou riquíssimo: não quero

Coisa nenhuma. Ela tem dote? Guarde-o!

Nada tenho com isso. O meu dinheiro

De nós ambos será. Divido tudo;

Só não divido o coração, que é dela!

RAMOS (*À parte.*)

— O Lucas enganou-se.

BENJAMIN — Ela que faça

Do dote o que quiser. O meu desejo

Era casar com uma donzela pobre...

Dona Ambrosina tem um patrimônio

No nome de seu pai: isso me basta,

Porque dote melhor não há que a honra.

RAMOS (*Entusiasmado.*)

— Sim, senhor! Isto é que é falar! Amigo,

Quero apertá-lo nos meus braços! Viva!

(*Depois do abraço.*)

Mas não é disso que eu tratar queria...

BENJAMIN — Então fale, senhor! Ordene! Imponha

As condições que desejar, contanto

Que não me negue a mão de sua filha,

Porque eu não posso mais passar sem ela!

A tudo estou disposto!

RAMOS — A tudo?

BENJAMIN — A tudo!

RAMOS — A trabalhar também?

BENJAMIN — Eu não percebo.

RAMOS — Vai perceber. Exijo que o meu genro,
Embora seja rico, muito rico,
Tenha um meio de vida; que trabalhe;
Que em qualquer coisa ocupe a inteligência,
E que produza, não consuma apenas.
BENJAMIN — Aceito a condição. Não tenho jeito
Para coisa nenhuma nesta vida,
Mas estou pronto a trabalhar!
RAMOS — Mesmo?
BENJAMIN — Faça-me industrial: monto uma fábrica,
Ou lavrador e compro uma fazenda,
Ou negociante e abro uma casa.
RAMOS — Bravo!
BENJAMIN — Se o senhor consentir, serei seu sócio
Na loja de ferragens.
RAMOS — Bela **ideia!**
BENJAMIN — Ou serei simplesmente seu caixeiro,
E a vida levarei contando pregos!
Finalmente, disponho-me ao trabalho!
RAMOS — Trabalhará?
BENJAMIN — Trabalharei, contanto
Que não me negue a mão de sua filha,
Porque eu não posso mais passar sem ela!
RAMOS — Dê-me algum tempo. Vou pensar no caso.
(*À parte.*) Pois já não me parece tão ridículo!
BENJAMIN — Oh! Temos muito tempo: este pedido
Não é ainda o oficial; se o fosse,
Eu seria incorreto. Ao vir pedir-lhe
Oficialmente a mão de sua filha,
Vestirei a casaca e trarei luvas.
(*Vai sentar-se para examinar o álbum.*)
RAMOS (*À parte.*)
— Voltou a ser ridículo, coitado!

Cena XIX

João Ramos, Benjamin Ferraz, Lucas, depois Ambrosina,
depois Angélica

(*Lucas entra e, admirado de encontrar Benjamin, dirige-se a João Ramos.*)

O Badejo

LUCAS — Então ele ficou?

RAMOS — Meu filho, o resultado

Da experiência foi o mais inesperado!

LUCAS — Que me diz o senhor?

RAMOS — O pobre Benjamin,

Depois que ouviu minha filha ao bandolim,

Deitou paixão violenta, e ao trabalho se arroja⁹⁰!

Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!

(Afasta-se e vai para junto de Benjamin.)

LUCAS *(À parte.)*

— Maldito bandolim! Desperta uma paixão

Que vai dificultar a minha situação!

(Ambrosina entra e, admirada de encontrar Benjamin, dirige-

-se a Lucas.)

AMBROSINA — Então ele ficou?

LUCAS — Menina, o resultado

Da experiência foi o mais inesperado!

AMBROSINA — Lucas, que estás dizendo?

LUCAS — O nosso Benjamin...

AMBROSINA — Acaba! Que ele fez?

LUCAS — Graças ao bandolim,

Deitou paixão por ti, e ao trabalho se arroja!

Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!

(Afasta-se.)

AMBROSINA *(À parte.)*

— Maldito bandolim! Se adivinhasse tal,

Ou eu não tocaria ou tocaria mal!

(Entra dona Angélica e, admirada de encontrar Benjamin, dirige-se a Ambrosina.)

ANGÉLICA — Então ele ficou?

AMBROSINA — Mamãe, o resultado

Da experiência foi o mais inesperado!

ANGÉLICA — Que estás dizendo, filha?

AMBROSINA — O senhor Benjamin,

Quando me ouviu tocar, deitou paixão por mim!

ANGÉLICA — Paixão?

AMBROSINA — Paixão violenta! E ao trabalho se arroja!

Até diz que quer ser caixeiro lá na loja!

ANGÉLICA — E que pretendes fazer?

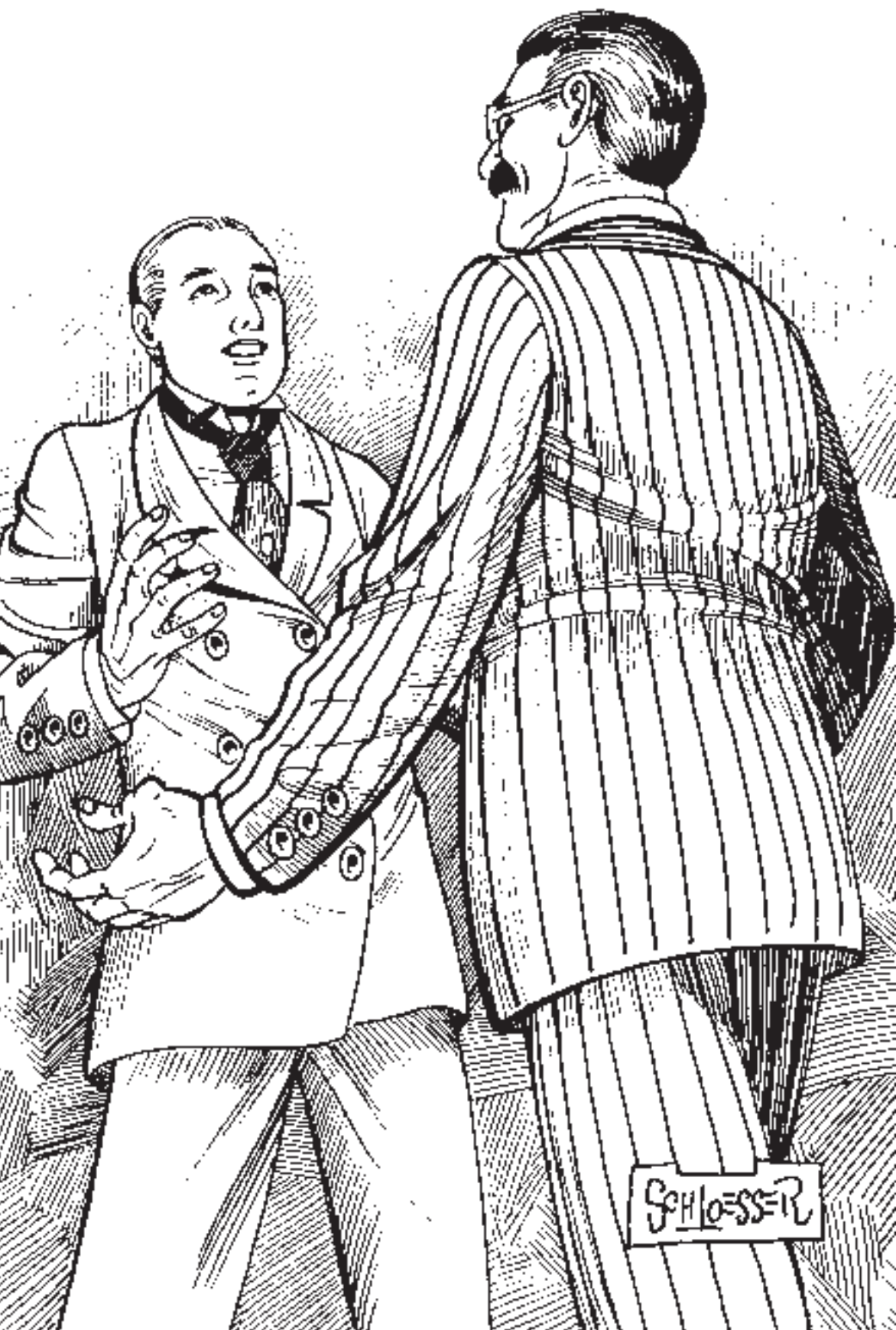
AMBROSINA — Com ele conversar.

⁹⁰ Arrojar-se: lançar-se com força.

Livres do apaixonado havemos de ficar.
Leve papai pra dentro e tudo lhe revele...
Diga que o Lucas me ama e que eu sou noiva dele.
LUCAS (*Descendo entre as duas senhoras.*)
— Que estão a cochichar?
AMBROSINA — Vai lá pra dentro, vai!
Para lá irá mamãe, para lá irá papai.
LUCAS — Com ele ficas só? Vê lá o que vais fazer!
AMBROSINA — Nesta combinação não tens que te meter.
(*Lucas encolhe os ombros e sai.*)
Chame papai.
ANGÉLICA — Ó, João, vem cá; de ti preciso
Na sala de jantar.
RAMOS (*Erguendo-se, à parte.*)
— Oh, que mulher de juízo!
Já tudo compreendeu... e quer deixá-los sós.
(*A Angélica.*)
(*Angélica sai. A Ambrosina.*)
Um maridão! (*Sai.*)
AMBROSINA — Pois sim!
(*Olhando para Benjamin.*)
Agora nós!...

Cena X

Benjamin Ferraz, Ambrosina
(*Benjamin está tão entretido com o álbum que Ambrosina se aproxima dele sem ser pressentida.*)
AMBROSINA — Senhor Ferraz?
(*Benjamin estremece, levanta-se e deixa o álbum.*)
BENJAMIN — Minha senhora?
Ninguém aqui?... Ninguém!... Só nós!...
(*Quer retirar-se.*)
AMBROSINA — Oh! Venha cá..... não vá-se embora...
Meto-lhe medo?
BENJAMIN — Estamos sós...
AMBROSINA — Não é razão para fugir-me.
BENJAMIN — Mas eu não devo aqui ficar.
Às leis do *savoir-vivre* sou firme!
Vou para a sala de jantar.



SCHLOSSER

AMBROSINA — Espere... Peço-lhe que fique...
BENJAMIN — Devo, portanto, obedecer.
AMBROSINA — É necessário que eu lhe explique...
Tenho uma coisa que dizer.
BENJAMIN — Tremendo estou! De que se trata?
AMBROSINA — Dessa... paixão que tem por mim.
BENJAMIN — Paixão terrível, insensata,
Que devo àquele bandolim!
AMBROSINA — Pois bem, senhor: de mim se esqueça...
Não alimente essa paixão...
Busque outra moça que o mereça
E tenha livre o coração!
BENJAMIN — Porém seu pai, minha senhora...
AMBROSINA — Só do que é seu pode dispor:
Não vai querer impor a mim agora
Um casamento sem amor!
BENJAMIN — Essas palavras, proferidas
Pelos seus lábios virginais,
São cruéis armas homicidas!
Não são palavras: são punhais!
AMBROSINA — Esta satisfação aceite...
BENJAMIN — Quem é, senhora, o meu rival?
AMBROSINA — Lucas, o meu irmão de leite.
BENJAMIN — Ele?! No entanto...
(*À parte.*) Então? Que tal?
(*Alto.*) Amam-se?
AMBROSINA — Oh!, desde pequenos!
BENJAMIN (*Levando a mão ao peito.*)
— Data, senhora, esta afeição
De menos tempo...
AMBROSINA — Muito menos.
BENJAMIN — Mas não tem menos intenção!
AMBROSINA — Senhor não vá ficar magoado,
O *savoir-vivre* assim o quer...
Quem o lugar achar tomado,
Outro procure se quiser.
BENJAMIN — Diz muito bem.
(*Vai buscar o chapéu e a bengala.*)
Oh!, destinos cegos!
Mágoa cruel comigo vai!
E eu estava pronto a contar pregos!
A ser caixeiro de seu pai!

O Badejo

(Limpa uma lágrima.)

AMBROSINA — Outra o compreenda! Outra o console!

BENJAMIN — Vou viajar, pois só assim

Do peito meu talvez se evole⁹¹

O último som do bandolim!

Adeus, ó sonho meu perdido!

AMBROSINA — Não se despede de meus pais?

BENJAMIN — Bem despedido

Já estou aqui. Para que mais?

Que Deus a faça venturosa⁹²

A rezar pedirei a Deus!

Adeus, sonho cor-de-rosa!

Sonho... ilusão... visão, adeus! *(Sai.)*

AMBROSINA *(Só.)*

— Pobre rapaz!

Cena XI

Ambrosina, João Ramos, Lucas, Dona Angélica, depois o copeiro

RAMOS — Ambrosina!

Vem cá, filhinha, vem cá!

ANGÉLICA — Não assustes a menina!

RAMOS — O Benjamin onde está?

AMBROSINA — Deixou-lhe muitas lembranças.

LUCAS — Foi-se?

AMBROSINA — Foi... rezar por mim.

RAMOS — Oh, senhor, estas crianças!

Coitado do Benjamin!

ANGÉLICA — Mas tu... tu nada nos dizes?

RAMOS — Mulher, que posso eu dizer?

Felizes, muito felizes

Conto que ambos devam ser.

(Entre Lucas e Ambrosina.)

Mas como nem um momento

Eu me lembrei, filhos meus,

De que era este casamento

Aconselhado por Deus?

⁹¹ *Evoliar*: evaporar.

⁹² Feliz.

Como visse os dois maganos⁹³
Crescerem nas minhas mãos,
Durante vinte e dois anos
Considerarei-os irmãos!
Não me entrou na fantasia,
Nem um minuto sequer,
Que dois irmãos algum dia
Fossem marido e mulher!
E eu, tonto, andava à procura
De um genro na multidão,
Sem reparar que a ventura
Tinha ao alcance da mão!
(Deixando-os.)
A culpa, tiveste-a, Lucas!
Não foste franco, por quê?
E vocês, suas malucas,
Tiveram medo de quê?
LUCAS — Temíamos que o casamento
Não lhe agradasse talvez...
RAMOS — Se não há impedimento!
Valha-me Deus, que vocês!...
Que todo o mundo respeite
A suspirada união!
Beberam do mesmo leite?
Pois comam do mesmo pão!
O COPEIRO *(Entrando.)* — O jantar está na mesa.
RAMOS — Sim, senhor. Pode sair,
Mas vá, com toda a ligeireza,
Essa casaca despir!
(O copeiro sai.)
As etiquetas dispenso!
Eu para luxos não dou!
ANGÉLICA — Do badejo, que era imenso,
Um bom pedaço ficou.
RAMOS — Do tal almoço é sobejo⁹⁴!
Manda-o da mesa tirar!
(Dona Angélica sai.)
LUCAS — Mal empregado badejo!
RAMOS — Meus filhos, vamos jantar.
(Cai o pano.)

⁹³ Malandros. Ramos se refere a Ambrosina e Lucas.

⁹⁴ *Sobejo*: resto, o que restou.



SCHLOSSER